



ENGENHO DE MONTE ALEGRE

A Arte como Forma de Contemplação

Ricardo Santhiago Costa Pinto

ENGENHO DE MONTE ALEGRE

A Arte como Forma de Contemplação

Ricardo Santiago Costa Pinto

Trabalho de Graduação Integrado

Instituto de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

Comissão de Acompanhamento Permanente (CAP)

Prof. Dr. Joubert José Lancha

Coordenador do Grupo Temático (GT)

Prof. Dr. Manoel Rodrigues Alves

ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA



ATRIBUIÇÃO NÃO COMERCIAL
COMPARTILHA IGUAL CC BY-NC-SA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Pinto, Ricardo Santiago Costa
PP659e Engenho de Monte Alegre: a Arte Como Forma de
Contemplação / Ricardo Santiago Costa Pinto. -- São
Carlos, 2022.
100 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Intervenção em patrimônio histórico. 2.
Equipamento Cultural. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



Foto do autor

"Os edifícios não caem em ruína depois de haver sido construídos mas crescem até a ruína conforme são construídos"

Robert Smithson

**CONSIDERAÇÕES
INICIAIS**

9

**PERCURSO
HISTÓRICO**

15

**LEITURA DO
TERRITÓRIO**

23

PROPOSIÇÕES

41

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

APRESENTAÇÃO

Minha ideia nunca foi trabalhar com o patrimônio histórico, com o restauro. Sempre gostei de deixar a criatividade fluir livre. Qualquer coisa que soasse como uma restrição era algo a ser evitado. No entanto, pela primeira vez a circunstância de lidar com as pré-existências do local apareceu para mim como uma possibilidade instigante. A experiência de caminhar pelas ruínas do antigo Engenho de Monte Alegre foi marcante. O vazio, a história que já se foi, a monumentalidade que emerge disso tudo são aspectos que fazem desse ambiente um lugar mais do que místico. Do jeito que se encontra hoje e com todas as suas imperfeições o edifício já é perfeito. Como então explorar a profundidade de sentimentos que esse lugar propicia por meio de uma intervenção arquitetônica? Esse é um daqueles desafios que animam, que dão vontade de enfrentar.

O antigo engenho de açúcar é um edifício com cerca de dois séculos de história e que está inserido num bairro, o Monte Alegre, que se desenvolveu justamente ao redor de seu florescimento econômico. Por conta de sua distância do perímetro urbanizado da cidade de Piracicaba, o pacato bairro do Monte Alegre parece ter congelado no tempo. Assim, tanto o desativado engenho quanto o bairro que o circunda são detentores de características únicas no contexto urbano de Piracicaba. Ali existe muita beleza, além de muito potencial.



Foto do autor

JUSTIFICATIVA

"Se comprimíssemos todo o período de existência da vida na terra num intervalo de 24 horas, o homem como conhecemos hoje do ponto vista anatômico surgiria faltando 4 segundos para a meia noite; as pinturas rupestres, faltando 1 segundo para a meia noite; e as primeiras civilizações apareceriam a apenas a uma fração de segundo do fim do dia."

Jamie Wheel

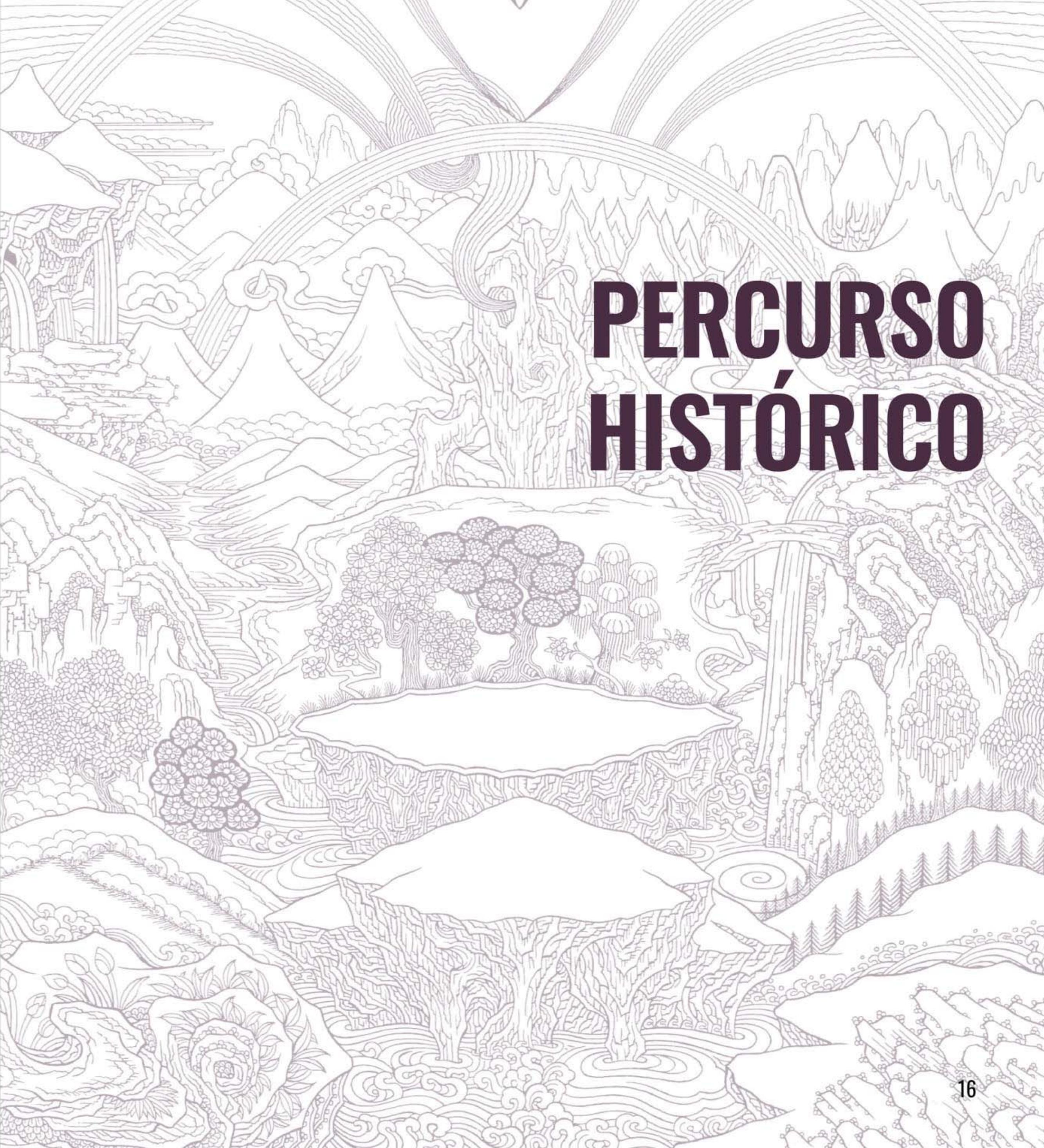
Nosso planeta enfrenta hoje um embate de ritmos. O cauteloso ritmo das transformações geológicas e da evolução darwiniana das espécies parece entrar em conflito com o acelerado passo que o homem moderno vem impondo ao planeta. Estamos à beira de uma catástrofe climática. Eras de desenvolvimento natural estão a um passo de serem arrasadas por conta de uma série de transformações que grosso modo podem ser agrupadas ao longo dos últimos trezentos anos de história.

Em seu poema *Os Olhos dos Pobres*, Baudelaire situa um casal de personagens na Paris ainda coberta por detritos oriundos das reformas haussmanianas. Em meio a uma conversa dentro de um dos recém inaugurados cafés, o casal se dá conta de estar sendo observado. Do lado de fora, uma família bastante pobre, composta por um pai que dá a mão a um filho e segura em seu colo um bebê, admira os esplendores desse novo ambiente. Apesar do contraponto entre as situações em que se encontram ambos os grupos, há algo em comum entre eles: o fascínio por essa nova paisagem que vinha sendo construída.

O processo de urbanização vem criando uma série de soluções cuja finalidade é tornar a vida na cidade mais confortável. Luz elétrica, saneamento, sistema de transporte público, telefone, automóvel, internet, etc. De fato alcançou-se hoje uma condição de vida na qual pouco esforço físico é demandado, no entanto, o preço disso é que somos obrigados a viver num mundo onde tudo acontece em alta velocidade.

O modo de viver atual clama por momentos de descompressão, de contemplação, de não-ação. Nesse sentido, é possível entender a arte como forma de aquietar a mente, de permitir que ela navegue por espaços diferentes daqueles com os quais estamos acostumados. Tanto o processo criativo de sua produção quanto o ato de se consumí-la permitem ao sujeito um momento de contemplação. No primeiro caso, trata-se de contemplação interior, de se dar a liberdade para criar, para se expressar. Já no segundo, fala-se em contemplação do outro, da possibilidade de se conectar com o artista por meio de sua obra. De um jeito ou de outro, contemplar é entrar em contato com o desconhecido, com o desvelar do momento seguinte. Nem que somente por alguns instantes, a arte nos permite escapar de nossas próprias subjetividades por meio de um olhar atento porém sem julgamento e, assim, permitir a mente um momento de quietude, de não racionalização.

A escolha como objeto de intervenção por um edifício histórico inserido num bairro de características bucólicas se deu em função principalmente de suas qualidades ambientais, da atmosfera existente no local. A passagem do tempo impressa nas paredes, a monumentalidade do conjunto, bem como sua história, evidenciam o grande potencial do edifício em dar forma a um equipamento capaz de permitir aos visitantes um momento de serenidade e quietude.



PERCURSO HISTÓRICO

SÉCULO XIX - ASCENSÃO E DESTAQUE

"Piracicaba, mesmo quando aconteceu o grande ciclo do café, viveu sob o signo do açúcar. E continua vivendo. Desde o início, quando a povoação se instalou em 1º de agosto de 1767, à margem direita do rio, já se sabia que as terras eram de tal forma férteis e que permitiriam uma produção de cana superior à de Itu. Assim, quando a povoação se transfere para a margem esquerda, em 31 de julho de 1784, vão surgindo, ao longo do rio, acima e abaixo, os engenhos de açúcar, aumentando a área canavieira. Desde o seu início, pois, Piracicaba se faz elemento fundamental na economia açucareira paulista."

Cecilio Elias Netto

Piracicaba deve muito por sua prosperidade à fertilidade de seu solo. Mesmo durante o período de apogeu do café a cidade se destacou pelo plantio da cana e pela produção de açúcar: no início do século XIX, contava com 51 engenhos de açúcar e apenas 21 fazendeiros plantando café. A porção rural da cidade era tipicamente canavieira, sendo que em 1836, com cerca de 78 engenhos, a cidade já era a terceira maior produtora de açúcar do Estado de São Paulo.

"[a paisagem era composta pelo] verde claro dos canaviais, com alternância de pastagens, roças de feijão, arroz, milho, bananais e laranjais, além de pequenas plantações de algodão" (Cecilio Elias Netto)

Fundado em 1824, desde suas primeiras décadas de funcionamento o Engenho de Monte Alegre já prosperava. O açúcar produzido era bastante elogiado e a produção crescia à medida que se ampliavam as terras cultivadas. Além disso, o engenho era propriedade de um dos mais importantes senhores de terra e políticos da época, José da Costa Carvalho, que ficou também conhecido pelo título de Marquês de Monte Alegre. Detentor de notável influência política e enormes propriedades rurais, José da Costa Carvalho ocupou

importante papel no desenvolvimento e na modernização da cidade de Piracicaba - então Vila Nova da Constituição -, trazendo para ela avanços infraestruturais como relacionados ao transporte da produção e à comunicação.

Em sua longa passagem pelo Brasil imperial, o historiador português Emílio Zaluar visita o Monte Alegre, comentando a respeito da "casa perto do rio Piracicaba, sobre uma suave colina, rodeada de plantações de cana". Continua afirmando que o "Monte Alegre seria uma das melhores e mais produtivas propriedades agrícolas do município, onde havia horta e pomar magníficos, cômodas e bem construídas senzalas, reinando em toda parte ordem e disciplina". Além dele, o Monte Alegre recebeu também a ilustre visita do escritor José de Alencar, o qual se inspirou em suas paisagens para escrever o romance "Til" que se passa no ambiente rural de Piracicaba e Santa Bárbara.

Adiante, a morte do Marquês de Monte Alegre, em 1860, associada à falta de herdeiros diretos, levou a propriedade a enfrentar um período de constante alteração de proprietários, tendo passado pelas mãos de importantes nomes da aristocracia da época como o de Antônio Costa Pinto. No entanto, o destaque do Engenho de Monte Alegre frente à produção estadual se manteve, até que em 1890 passou a fazer parte do seleto grupo de engenhos centrais paulistas, reafirmando sua importância. Dentre eles, figurava também o recém construído Engenho Central de Piracicaba, hoje tido como um importante marco da cidade e que passou por uma série de recentes restauros e adequações de uso.



Manoel de Arruda Camargo. A Rua do Porto, 1900

SÉCULO XX - APOGEU E QUEDA

No início do século XX, Piracicaba passava por um momento de intenso desenvolvimento. Existiam cerca de 80 engenhos entre pequenos e grandes, os quais eram movidos a vapor, a água e por animais. Nesse momento, o Engenho Central do Monte Alegre abrigava cerca de 50 operários nas atividades do próprio engenho e mais 200 na lavoura, sendo que o açúcar produzido foi descrito pelo "Almanaque de Piracicaba de 1900" como estando entre "os melhores do Brasil".

Mas seria somente a partir de 1910 que o Engenho Central de Monte Alegre viria a alcançar seu período de apogeu, passando a figurar entre as maiores usinas produtoras do país sob a administração de Pedro Morganti. Filho de italianos recém chegados ao Brasil, Pedro Morganti desde cedo já dava sinais de seu empenho em direção à prosperidade econômica, preparando para si mesmo enquanto ainda jovem um pequeno quarto onde se dedicava ao refino do açúcar. Tornou-se com o tempo um profundo conhecedor do assunto até que em 1910 adquiriu o Engenho Central de Monte Alegre, dando início ao seu período de maior prosperidade - logo de início, entre os anos de 1913 e 1918, foi capaz de quintuplicar a produção da usina.

Em 1925, a crise do açúcar atinge o setor de maneira avassaladora. E, pouco tempo depois, o governo federal decide tomar uma série de medidas a fim de recuperar o setor, como políticas de assistência técnica aos lavradores e estímulos para a ampliação das usinas e para sua modernização. Por volta de 1935, Piracicaba contava com dez usinas tidas como bem equipadas, além de mais de duzentos engenhos de pequeno porte e de técnicas mais rudimentares. Dentre todas, a do Monte Alegre, apesar de não ser a maior, era tida como a mais moderna, além de exemplo de organização. Assim, pouco tempo depois, em 1947, o Estado de São Paulo torna-se o maior e mais moderno produtor açucareiro do país desbancando a hegemonia nordestina de séculos.

A propriedade de Pedro Morganti cresceu, chegando a reunir muito do que antes pertenceu às grandes personalidades que foram donas do Engenho de Monte Alegre no século anterior. Como forma de mensurar sua importância, vale comentar que a Usina



Autor Desconhecido

Monte Alegre contava com cerca de 55 quilômetros de estrada de ferro particular ligando-a aos trilhos da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Além disso, sua produção continuou a se multiplicar, tendo quadruplicado entre os anos de 1923 e 1932, sendo que em 1938 faziam parte da usina enormes porções de terra que chegavam até os municípios de Limeira e Rio das Pedras.

O desenvolvimento da usina impulsionou também a formação em seu entorno de uma notável comunidade rural, na qual viviam em 1965 cerca de 1700 pessoas. As casas eram de tijolos, cobertas de telhas e servidas por rede de água tratada e esgoto, e dotadas também de instalações elétricas. Apesar de rural, a comunidade dispunha de diversos serviços como padaria, farmácia, barbearia, bar, cinema, além de ambulatório, escola e clube esportivo. Assim, os entornos da usina acabaram por dar forma a um bairro, o bairro do Monte Alegre, o qual, como comentado, contava com confortos bastante significativos para uma comunidade rural da época.

Após a morte de Pedro Morganti, em 1941, seus filhos tentaram dar continuidade ao empenho do pai. Em 1953, inauguraram uma fábrica de papel como forma de aproveitar a celulose do bagaço da cana. No entanto, com o passar do tempo a propriedade dos Morganti foi se dissolvendo até ser vendida em 1971. Até que em 1980 a Usina de Monte Alegre foi finalmente desativada, cerca de um século e meio após sua inauguração. E o bairro que ali se formou perde boa parte de sua vitalidade e população, ganhando novos e bucólicos ares.

SÉCULO XXI - RESSIGNIFICAÇÃO

Com o passar do tempo que sucedeu a desativação da Usina, os edifícios que a compunham bem como alguns outros que ocupavam seu entorno imediato enfrentaram um período de desuso e abandono. O tempo deixou suas marcas, a vegetação tomou conta e o desinteresse por sua história imperou. O resto do bairro do Monte Alegre tomou a forma de um lugar bucólico, bastante verdejado e que ainda trazia cativantes resquícios históricos dos períodos anteriores. Boa parte da pavimentação ainda era em paralelepípedo, antigas casas de operários se mantinham em uso e importantes edifícios, como a Capela Monte Alegre e a antiga Casa do Marquês, continuavam embelezando a paisagem, apesar de demandarem cuidadoso restauro. O bairro passou então a ser ocupado principalmente por dois grupos: famílias que há tempo já se estabeleceram no local e pessoas que buscavam por um espaço de refúgio, de afastamento do ambiente urbano. Qualidades estas que continuam presentes no local até os dias atuais.



Conjunto gastronômico. Street View



Capela Monte Alegre. Street View

No entanto, há cerca de 15 anos os empreendedores Wilson e Marco Antonio Guidotti viram no bairro um potencial e decidiram explorá-lo. Hoje são proprietários de grandes porções de terra ao redor da parte histórica residencial do bairro, incluindo o lote onde encontra-se o antigo engenho. Assim, foram responsáveis por uma série de intervenções no bairro a fim de revitalizá-lo como a inauguração, em 2008, de um condomínio residencial fechado de alto padrão, além do minucioso restauro dos edifícios situados à margem da avenida principal que estrutura o bairro, abrigando hoje restaurantes, espaços de eventos e escritórios - ver mapa na página 32. Além disso, vêm desenvolvendo para o próprio engenho um projeto de restauração e readequação de uso cujo foco é acomodar um centro de desenvolvimento tecnológico voltado para o agronegócio. Assim, fica claro que o bairro vem passando por um novo período de transformações, de revitalização, mas que não necessariamente deverá se sobrepor ou ignorar o cenário pré-existente. Assim, mais adiante serão exploradas com maior profundidade as condições nas quais se encontra atualmente o bairro do Monte Alegre.

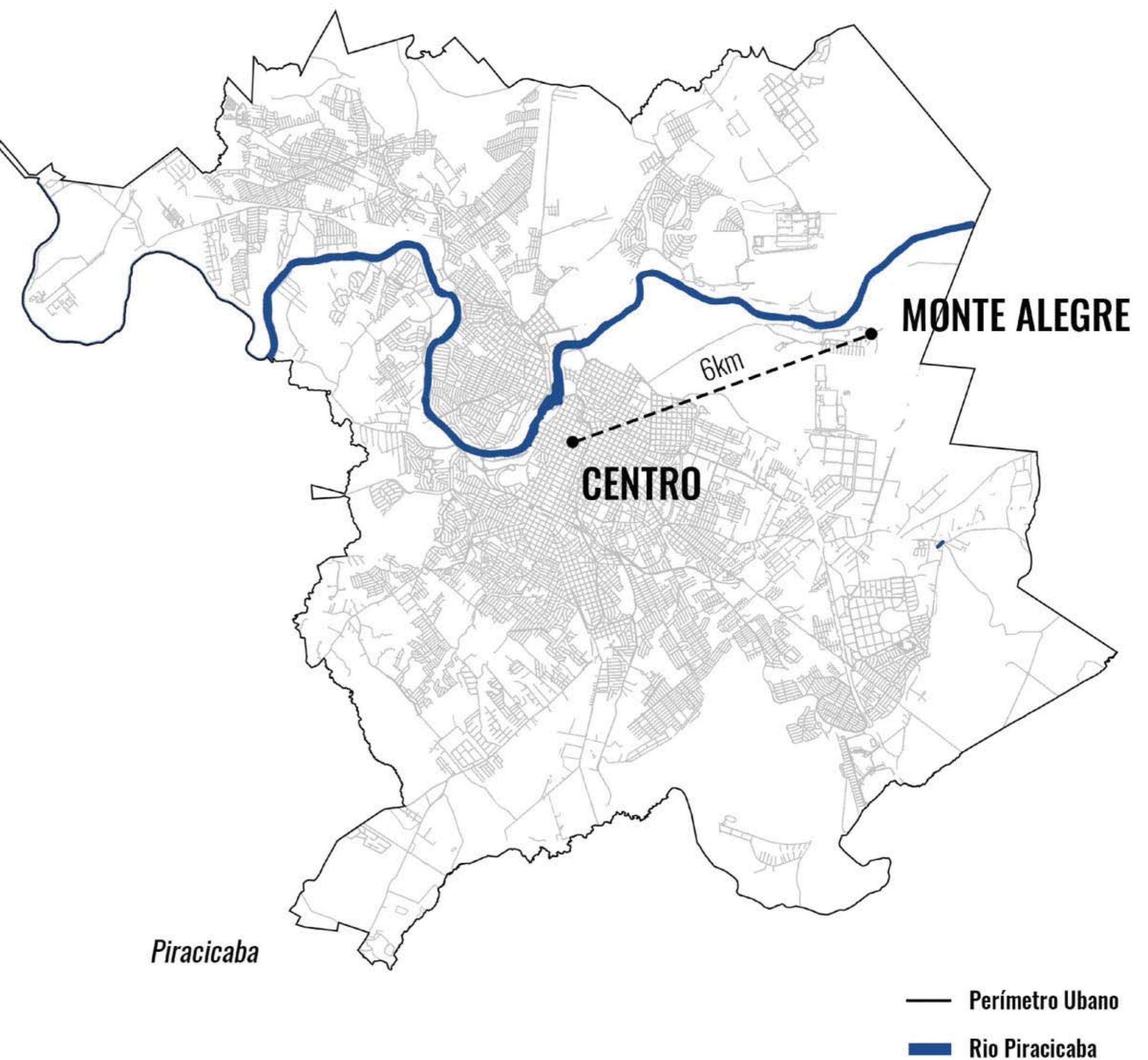
Nesse ponto, vale trazer que o projeto comentado para o engenho ainda não foi implantado e não está sendo considerado nas proposições deste trabalho. Entende-se que o melhor uso para a edificação não é necessariamente o proposto e, assim, o presente trabalho tem como foco o desenvolvimento de um projeto que esteja de fato alinhado às visões e intenções do autor.



LEITURA DO TERRITÓRIO

A CIDADE DE PIRACICABA

Piracicaba encontra-se no interior do Estado de São Paulo numa região de clima subtropical úmido. A cidade abriga uma população estimada em cerca de 410.000 pessoas, sendo a 61^a cidade mais populosa do país (IBGE). Nesse sentido, a cidade atua como polo e atrai trabalhadores e frequentadores de várias outras em seu entorno.



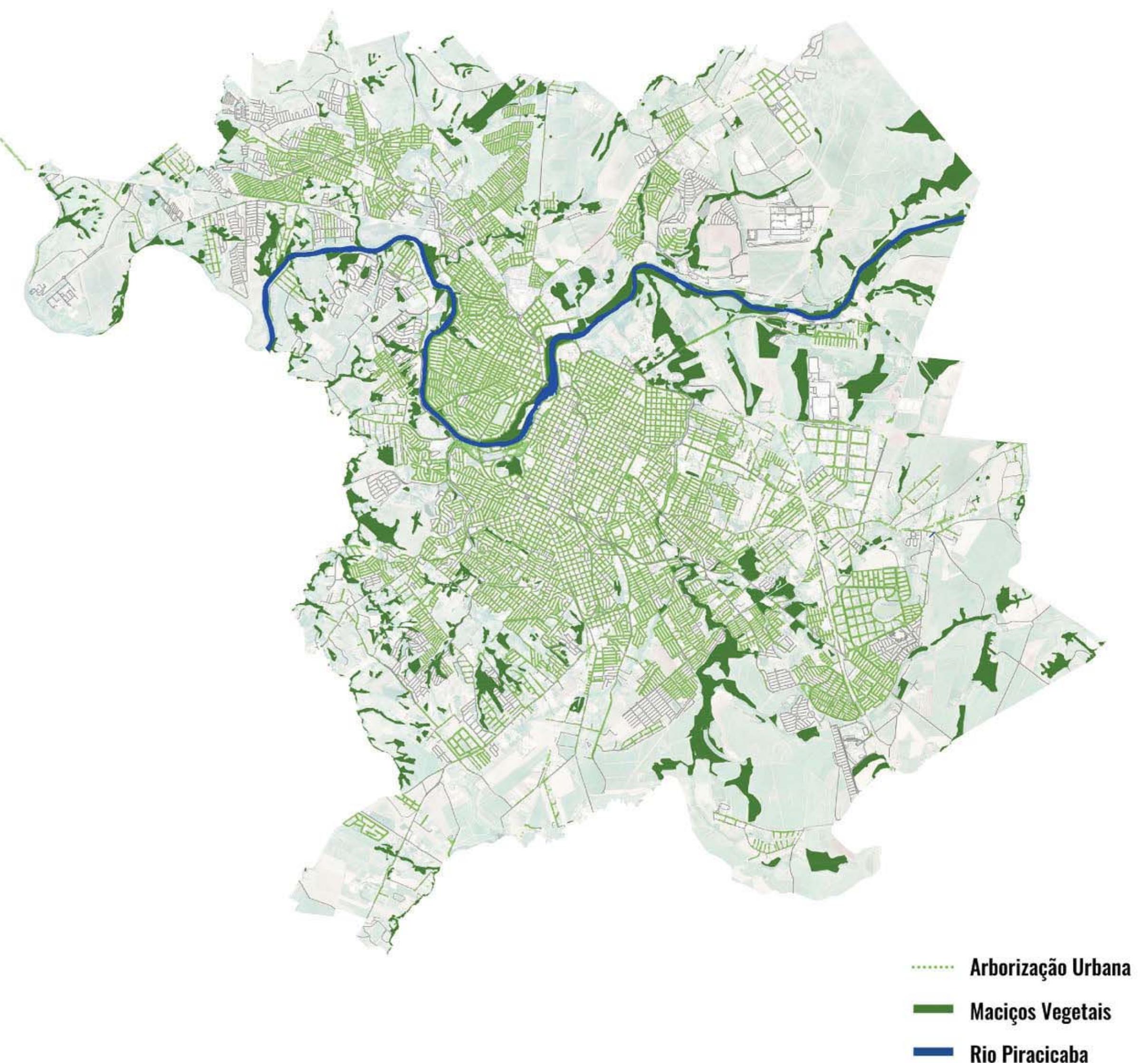
CARÊNCIA DE ESPAÇOS LIVRES QUALIFICADOS

Ao menos no que diz respeito ao senso comum, a cidade de Piracicaba é comumente enaltecida por sua beleza. Não só no contexto de seus valorizados pontos turísticos como também por sua paisagem urbana que costuma ser bastante arborizada e espaçosa. No entanto, sob análise mais aprofundada percebe-se a existência de uma série de inconsistências. Um estudo realizado para o Plano Diretor de 2000 indicou que a cidade se conforma de forma bastante espraiada. A expansão do perímetro urbano para regiões periféricas acontece com grande intensidade sendo majoritariamente dada pelo assentamento de populações mais humildes. Assim, além de contribuir para a segregação socioespacial, tal padrão de crescimento vem criando uma série de espaços categorizados como vazios urbanos:

"o diagnóstico indicou que pouco menos de 50% da área compreendida pelo perímetro urbano da cidade compunha-se por vazios urbanos, grande parte deles dotada da mais completa infraestrutura."
(Zoneamento de Piracicaba, 2015)

No entanto, se por um lado tais vazios parecem indicar áreas com potencial de ocupação, especialmente por equipamentos de uso coletivo ou espaços livres destinados ao lazer e ao descanso, por outro o que se observa é um intenso processo de especulação imobiliária que impede que tais propriedades exerçam sua função social.

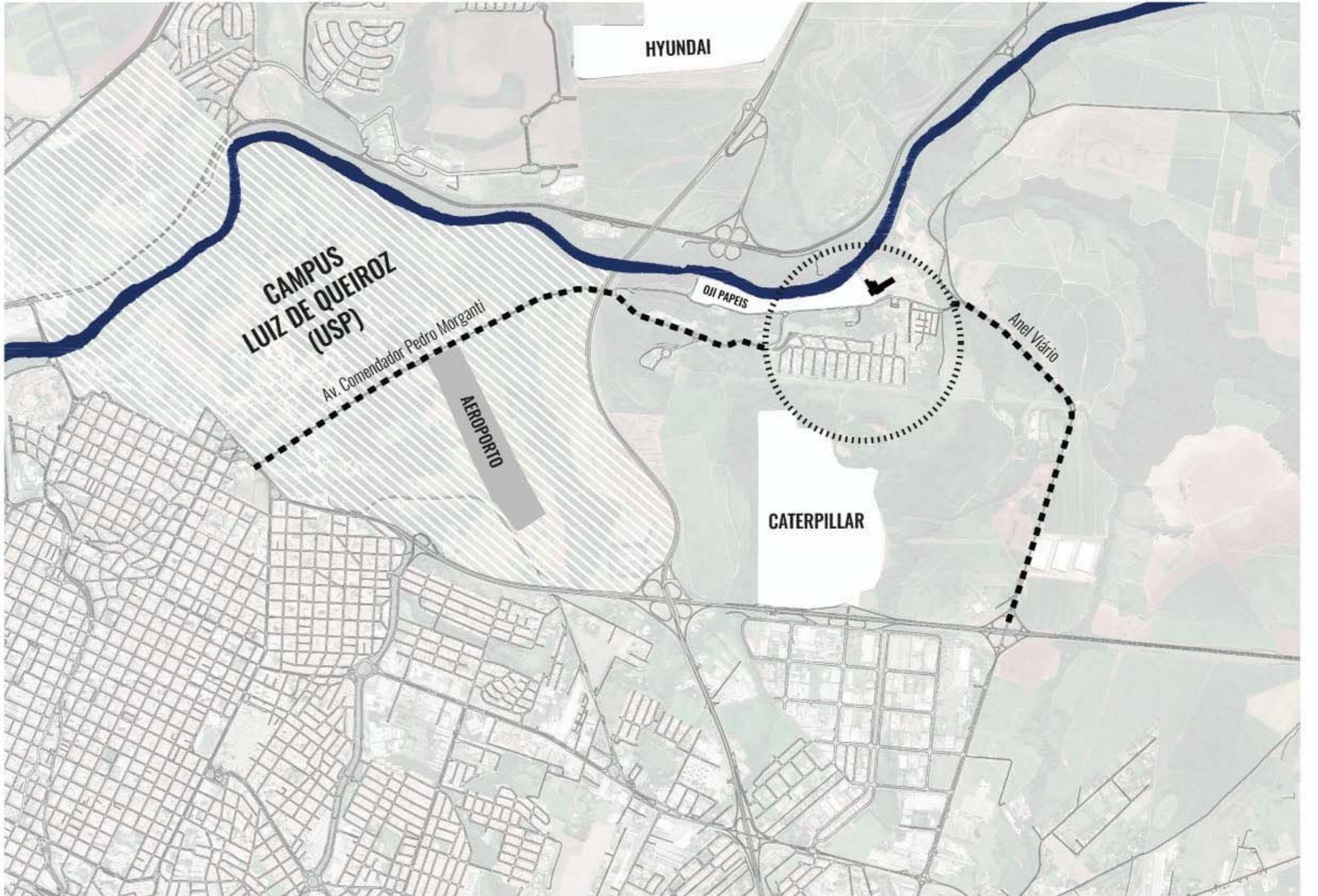
Piracicaba carece de espaços voltados para o lazer, para a diversão, para o convívio ao ar livre. A arborização urbana não é capaz de suprir a necessidade básica de contato com a natureza. A cidade necessita, dentre outras demandas, de parques dos mais variados tipos e que permitam a realização das mais variadas atividades dentro deles. Só assim é possível trazer cor à vida daqueles que nela habitam e que já não se contentam mais em frequentar apenas shoppings e restaurantes.



INSERÇÃO URBANA DO MONTE ALEGRE

Apesar de historicamente o Monte Alegre e seu engenho terem sido de vital importância para o florescimento econômico de Piracicaba, sua localização é distante de onde a cidade se estabeleceu e cresceu. Assim, por conta da distância o bairro foi capaz de preservar sua característica bucólica e sua paisagem histórica, cuja responsabilidade também é dada à presença do enorme campus da Universidade de São Paulo, que contribuiu para impedir que o espraiamento urbano seguisse na direção do Monte Alegre.

Seu entorno, portanto, é composto por terras destinadas à agricultura com a presença esporádica de indústrias posicionadas na beira de rodovias. Loteamentos residenciais inexistem num raio de pelo menos 3 quilômetros. Sendo que o acesso ao bairro se dá usualmente pela Avenida Pedro Morganti: pista dupla de cerca de 4 quilômetros de extensão que liga o bairro a uma das principais avenidas da cidade. A outra possibilidade de acesso se dá por uma estrada que é parte do antigo anel viário da cidade mas que hoje encontra-se em péssimas condições, sendo praticamente inutilizada.



ACESSOS



MONTE ALEGRE

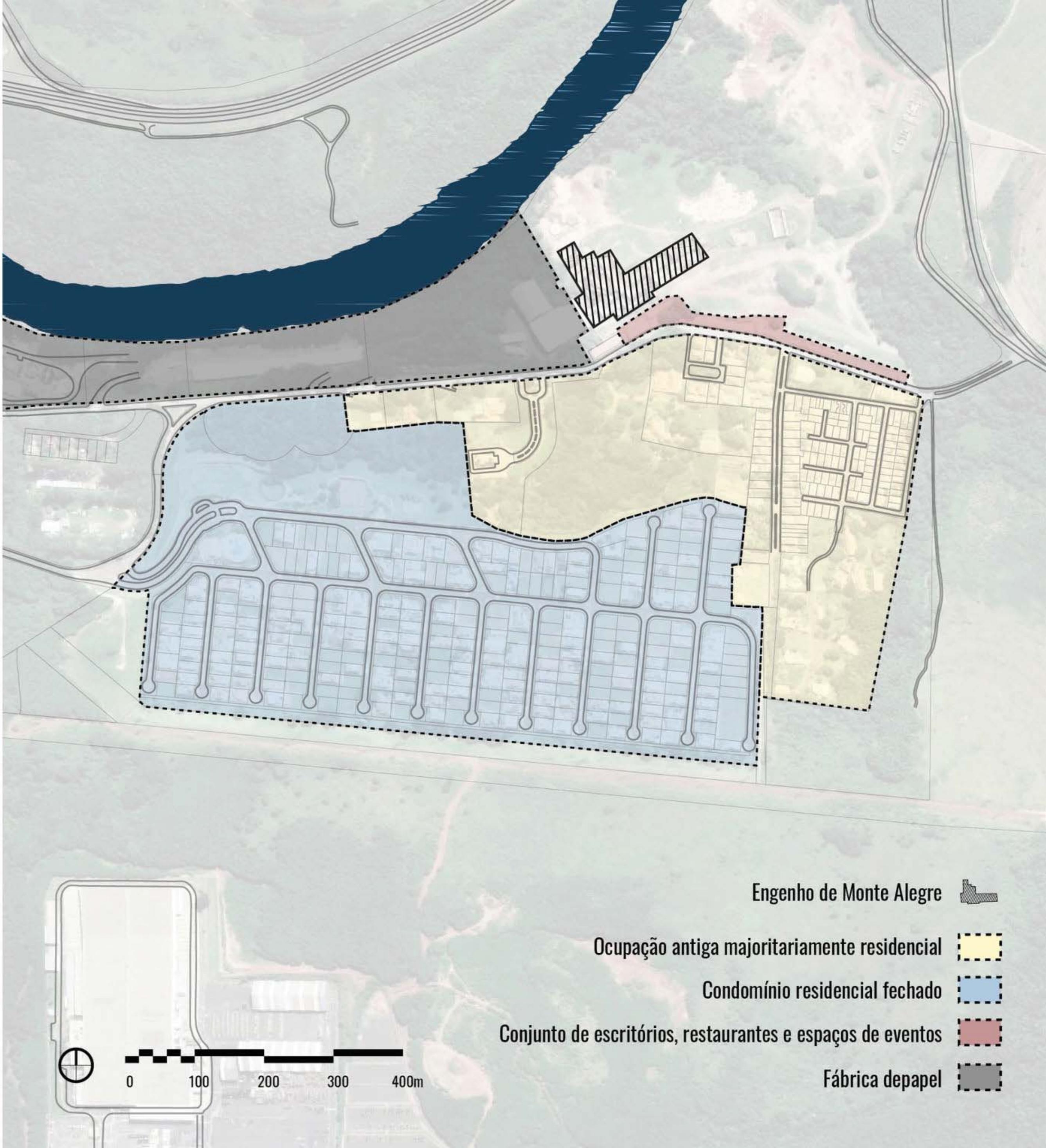
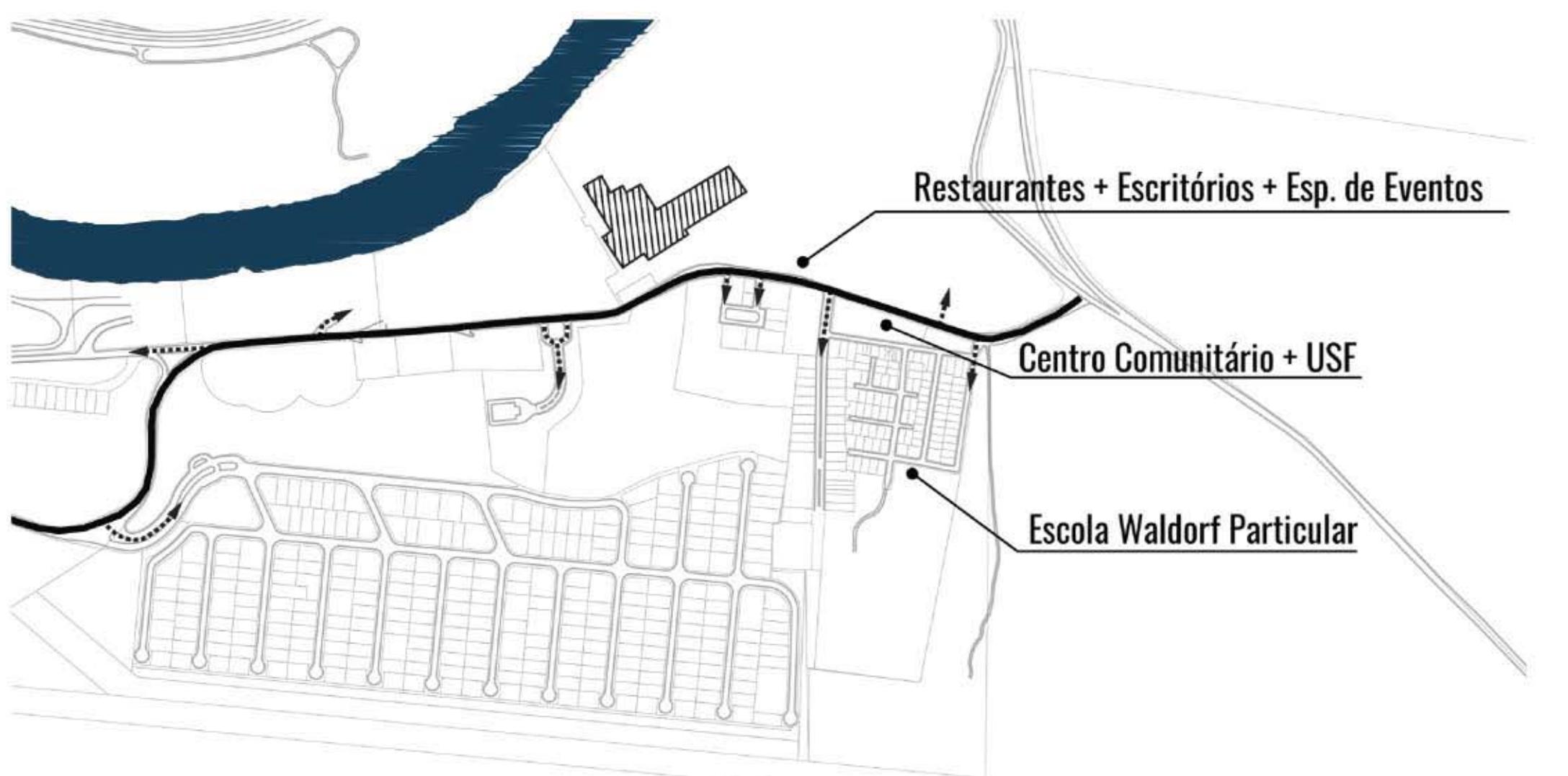


ENGENHO DE MONTE ALEGRE



CONFORMAÇÃO DO BAIRRO

Para compreender a conformação do bairro de Monte Alegre é importante notar a existência de um eixo viário sobre o qual ele se estrutura. A Avenida Pedro Morganti, a mesma que atua como ligação entre o bairro e o restante da cidade, serve também como eixo a partir do qual partem todas as suas formas de ocupação. De um dos lados desse eixo, a porção de terra situada entre a avenida e o Rio Piracicaba pode ser lida como o setor industrial, região onde situa-se a edificação do Engenho e a fábrica de papel que funciona até os dias de hoje. Do outro lado, situa-se a porção onde de fato se desenvolve a vida cotidiana, ocupada majoritariamente por residências unifamiliares, pequenos comércios e pelo recém construído condomínio.



Ocupação antiga majoritariamente residencial

É onde tradicionalmente se desenvolveu a comunidade que há tempos habita o Monte Alegre. Sua ocupação é antiga, dos tempos do funcionamento do próprio engenho, sendo que muitas das edificações residenciais remontam àquele período e estão em estado relativamente bom de conservação. De modo geral, seus habitantes incluem-se num padrão mais humilde, com exceção daqueles mais abastados que vêm ao bairro em busca de suas qualidades de refúgio. Assim, para além das edificações mais antigas, existem também casas que podem ser ditas mais comuns.



Conjunto de Escritórios, Restaurantes e Espaços de Eventos

A partir de uma série de operações de restauro, antigos edifícios lindérios à avenida e que se encontravam em péssimo estado de preservação vêm recebendo novos usos. O restauro vem sendo capaz de preservar muitas das qualidades estéticas originais dos edifícios e, assim, vem recompondo as qualidades visuais do bairro. De modo geral, o público alvo desses empreendimentos é do setor de alta renda e de origem externa ao bairro. Dessa forma, a dinâmica do bairro vem ganhando novas cores com o movimento tradizodo por tais estabelecimentos.



Condomínio Residencial Fechado

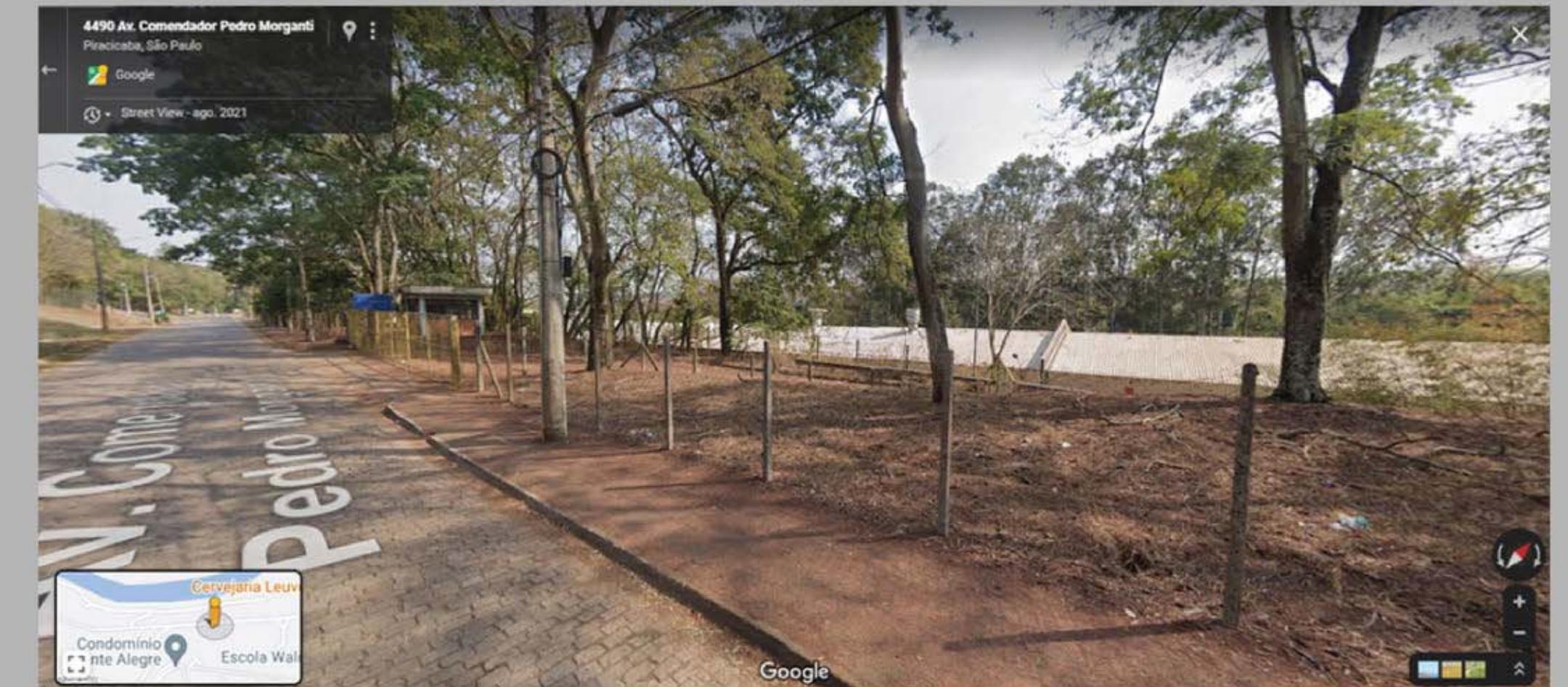
Inaugurado em 2008, o Condomínio Monte Alegre conta com cerca de 280 lotes destinados ao usufruto residencial. Sua lógica de ocupação é bastante distinta daquela observada anteriormente, prezando por uma separação com relação ao restante do tecido urbano. O público alvo são famílias de alto padrão econômico e seu contato com o restante do bairro é bastante minimizado.



Street View

Fábrica de Papel

Inaugurada originalmente em 1953, como comentado anteriormente, a fábrica de papel teve sua razão social alterada uma série de vezes ao longo de sua história. O trecho ocupado por ela que de fato se encontra inserido no bairro situa-se numa cota bastante inferior ao da avenida e, assim, não impacta sobre a paisagem visual do ambiente.

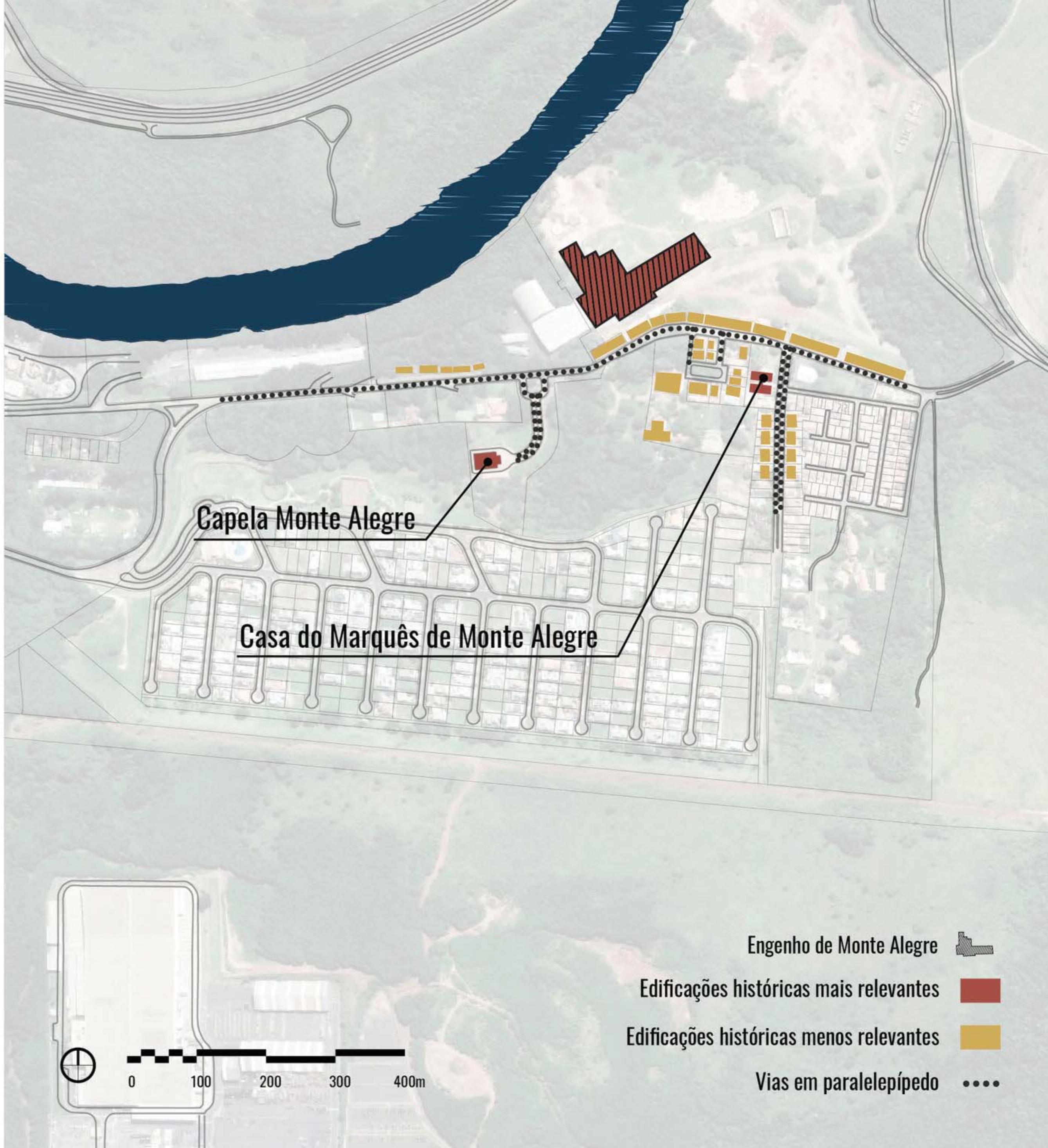


Street View

CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS

Como comentado, o bairro de Monte Alegre ainda preserva uma série de qualidades históricas que fazem dele um ambiente diferente do que se observa no restante da cidade. Vários edifícios residenciais de épocas passadas ainda se mantém em pé e em uso. Sendo que dentre as pré existências históricas, destacam-se três edificações:

- **Capela Monte Alegre:** construída em 1937, a capela passou recentemente por um processo de restauração. Nela se encontra também um dos maiores murais do pintor Alfredo Volpi.
- **Casa do Marquês:** construída em 1927 para a família Morganti, passou também por um processo de restauração e hoje encontra-se em bom estado. A edificação recebeu uma série de usos ao longo dos últimos anos, como o de espaço para eventos, no entanto está hoje desocupada.
- **Engenho Monte Alegre:** foi construído no início do século XIX e se manteve em atividade até 1980. Desde então a edificação foi desocupada. (ver o tópico *Percurso Histórico* para informações mais detalhadas)



RELATOS E PERFIL DOS MORADORES

A partir de conversas bastante espontâneas, foi possível compreender um pouco melhor qual visão aqueles que de fato experienciam a realidade do bairro têm de sua dinâmica. De modo geral, ficou claro que a qualidade mais enaltecida é justamente sua tranquilidade. Os moradores parecem entender que há um preço a se pagar por esse bucolismo, como a falta de oferta de serviços no próprio bairro. Mas a impressão que fica a é de que estão dispostos a fazê-lo, entendem que um bairro bastante equipado atrairia novos públicos e, assim, acabaria por ter algumas qualidades perdidas. Assim, tais conversas foram de vital importância para a proposição do equipamento que será feita adiante.

PERFIL DEMOGRÁFICO

Censo de 2010

População: 432 habitantes

Censo de 2000

População: 462 habitantes

30% da população com **renda entre 3 e 5 salários mínimos**

30% da população com **renda entre 5 e 10 salários mínimos**

50% dos responsáveis pelo domicílios com **4 a 7 anos de estudo**

37% dos responsáveis pelo domicílios com **8 a 14 anos de estudo**

15% dos domicílios **alugados**

"Por aqui **não falta nada**. Podia ter um mercadinho mas a gente já **ta acostumado**."

"O que eu gosto daqui é essa **calma, essa tranquilidade**."

"Eu moro aqui há mais de 40 anos, sempre foi um lugar muito tranquilo. Mas recentemente **as coisas parecem estar mudando um pouco**."

"Aqui passa muito pouco ônibus. Antes passava mais só que a maioria acabava **saindo vazio**."

"O movimento dos restaurantes de final de semana **nem incomoda tanto**. O que mais acaba incomodando é a escola. Os carros **passam correndo** por aqui. Semana passada por exemplo um pai que veio trazer o filho atropelou dois cachorros do bairro."

"Eu vou de carro pra cidade praticamente todo dia. Pra mim não tem problema. Mas pro pessoal que não tem carro, geralmente os mais velhos, já fica mais difícil."

PROPOSIÇÕES

PREMISSAS DE PROJETO

A partir de todas as discussões e análises apresentadas anteriormente, chegou-se a um conjunto de premissas como forma de sintetizar as intenções projetuais.

- **Não perturbar o caráter bucólico do bairro:**

É de vital importância que o equipamento seja capaz de se resolver em si mesmo, sem causar impactos negativos ao entorno. Atividades que envolvem a movimentação de grandes quantidades de pessoas ou que provoquem ruídos e outros efeitos indesejados serão evitadas.

- **Servir à cidade como um todo:**

O objetivo não é criar um espaço direcionado somente aos moradores do Monte Alegre. Entende-se que as belas e inusitadas condições encontradas no local de inserção do projeto merecem ser desfrutadas por toda a população.

- **Promover o bem-estar por meio da arte e da contemplação:**

A partir das reflexões apresentadas anteriormente, decidiu-se por voltar o equipamento à promoção do bem-estar de seus usuários, tanto física quanto mentalmente.

- **Valorizar o caráter “deteriorado” do edifício:**

A estética da edificação que já sofreu pela passagem do tempo é um fator que pretende-se preservar. De modo geral, não há a intenção de recompor o edifício como ele foi um dia.



Foto do autor

INTERVENÇÃO SOBRE O PATRIMÔNIO

Como comentado anteriormente, o conjunto em sua condição atual (pré-intervenção) é dotado de qualidades estéticas notáveis. Dessa forma, entende-se que a presente intervenção deva não somente levar em consideração o edifício em sua forma original mas também suas qualidades enquanto edifício abandonado e deteriorado. Fala-se, portanto, na leitura de um tempo passado associado ao tempo presente para assim designar o futuro da edificação.

A recente publicação denominada “Entre o Restauro e a Recriação” (2022) dos autores Juliana Nery e Rodrigo Baeta foi de grande valor para esse momento da discussão. Dentro das definições apresentadas, a abordagem que se mostrou mais condizentes com as intenções projetuais estabelecidas é a da recriação, em contraposição ao que define-se como restauro, a qual representa uma “intervenção na preexistência que privilegia, exclusivamente, a recuperação da imagem parcialmente fraturada de um determinado objeto de preservação” (p. 53). Nesse sentido, a aproximação que se faz do conceito de recriação nada diz respeito a um desprezo pela qualidade estética do conjunto ou à intenção de dar forma a um novo e distinto objeto arquitetônico. O que levou a tal identificação, segundo os termos apresentados pela publicação, é o fato de a intenção primordial por trás da presente intervenção não ser associada à imagem do conjunto, mas sim ao uso que receberá.

Por outro lado, ao restringir a discussão somente à imagem do conjunto, ou seja, à qualidade estética e perceptiva que extrapola sua condição material, talvez seja então mais apropriado associar a presente intervenção não mais ao conceito de recriação, mas ao de restauro. Entende-se que a imagem do conjunto deva ser valorizada enquanto tal, sem a necessidade de alterações ou implementações. Portanto, estabeleceu-se como diretriz a realização de uma intervenção mínima e que pudesse amparar as necessidades do programa. Esteticamente, buscou-se valorizar as qualidades presentes e pretéritas das edificações sem destacar ou chamar a atenção para a nova intervenção. Do ponto de vista

da preservação, buscou-se por soluções que fossem capazes não de recriar materialmente aquilo que se perdeu com o tempo, mas de garantir que as estruturas que se mantêm de pé recebam os devidos cuidados com relação à sua preservação. Portanto, de modo geral buscou-se por uma intervenção que atuasse de forma bastante sutil, delicada, mas que condizesse tanto com a imagem presente e pretérita do edifício quanto com as técnicas e necessidades disponíveis no momento, de modo a não “comprometer a legitimidade artística e histórica do monumento” (BRANDI, apud. NERY, BAETA, p. 31).



Foto do autor

PROGRAMA

O programa se desenvolve como consequência da intenção de promover o contato com a arte a partir de duas frentes: a de sua criação e de sua exposição. São várias as formas de manifestação artísticas, de modo que a demanda por múltiplos e variados espaços se faz presente em ambas as frentes.

O setor de **CRIAÇÃO** é formado por:

- **ATELIÊS** de tamanho flexível voltados para a prática artística que envolve a manipulação da matéria.
- **OFICINAS** dotadas de equipamentos para a prática da marcenaria, da confecção da cerâmica, dentre outras.
- **ESTÚDIOS AUDIOVISUAIS** planejados para a realização de artes que envolvem equipamentos tecnológicos mais avançados, como a música, a fotografia, e a produção de vídeos.
- **SALÕES** para a prática do teatro e da dança que consistem em amplos espaços livres e de generosas dimensões.
- **ESPAÇO DE VIVÊNCIA** para convívio e interação entre artistas bem como para o relaxamento e para atividades de apoio como o preparo de refeições.
- **ALMOXARIFADO** para abrigar materiais diversos, incluindo relacionados a atividades de apoio como limpeza e manutenção.

Já o setor de **EXPOSIÇÃO** é dotado de:

- **GALERIAS** de tamanhos e características distintas para a exposição de diferentes manifestações artísticas
- **GRANDE SALÃO** que permite diferentes usos do espaço, mas que a princípio atua como galeria voltada para a exposição dos artistas da casa
- **AUDITÓRIO** como forma de promover a exposição de artes performáticas
- **JARDIM DE ESCULTURAS** que permite expor obras de maneira mais descontraída na medida em que atua como mediador entre as edificações e a área externa
- **RESERVA** e **FACILIDADES TÉCNICAS** para promover o armazenamento e a manipulação de objetos artísticos.
- **SALAS MULTIUSO** que permitem a realização de aulas, encontros, workshops, dentre outras atividades.
- **CAFÉ e LOJA**

Além de tais atividades, o equipamento conta também com:

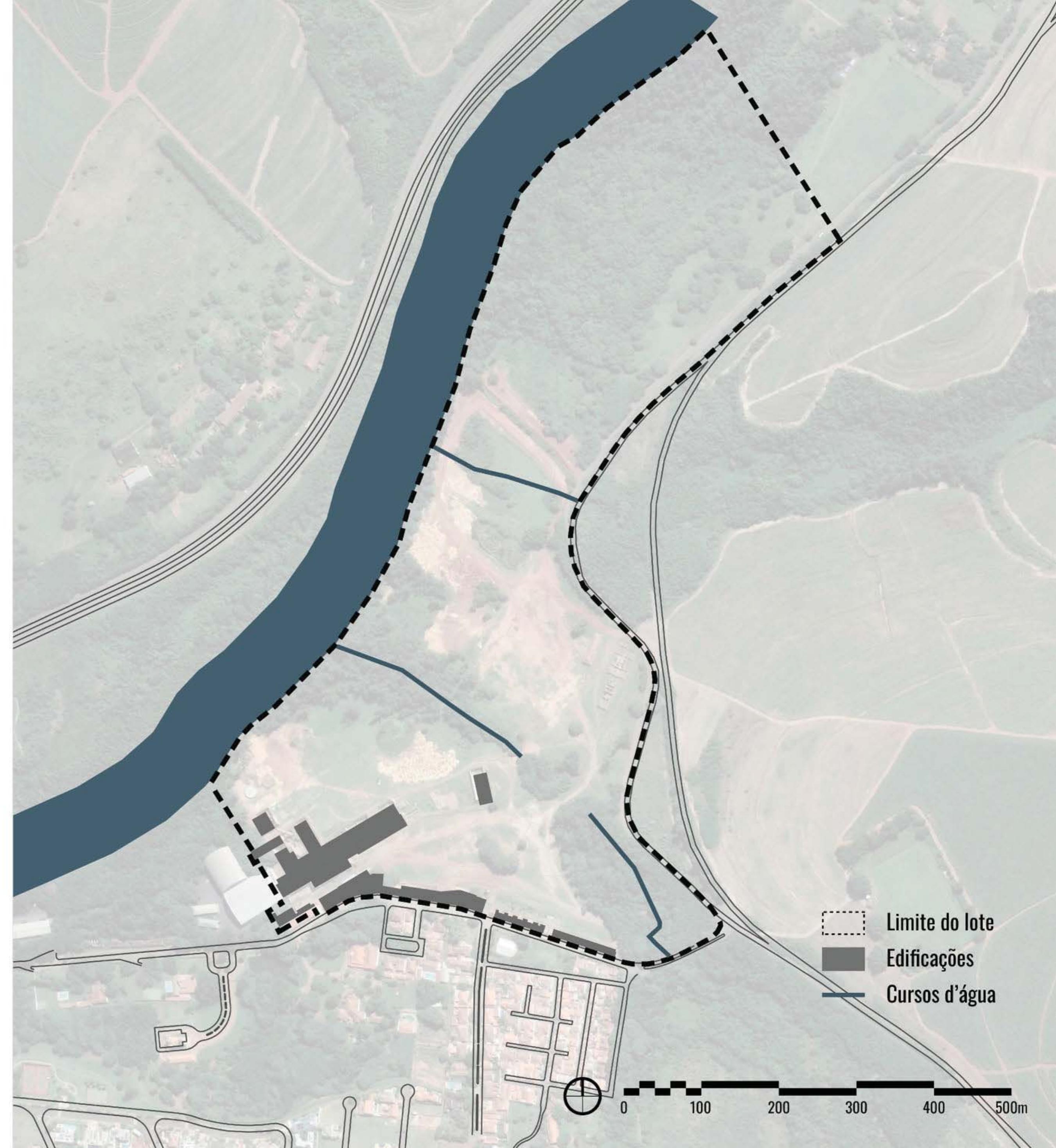
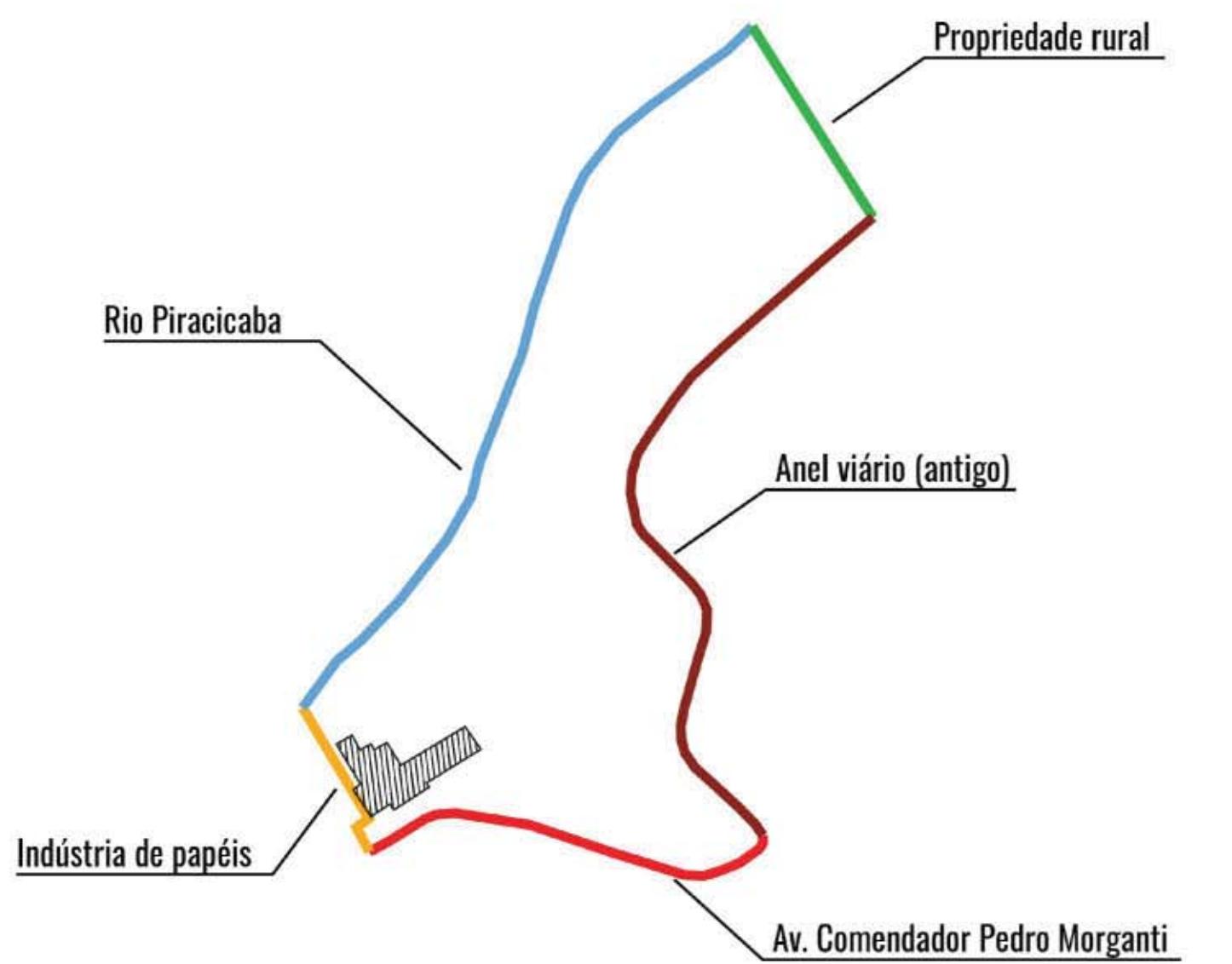
- **ADMINISTRAÇÃO** onde encontra-se também a recepção
- **ALOJAMENTOS** para permitir o abrigo de artistas, palestrantes, dentre outros.

Por último, vale comentar que os entornos das edificações conformam-se como grande parque a fim de promover o contato contemplativo com elementos da natureza e cujo programa será explicado a seguir.

O LOTE

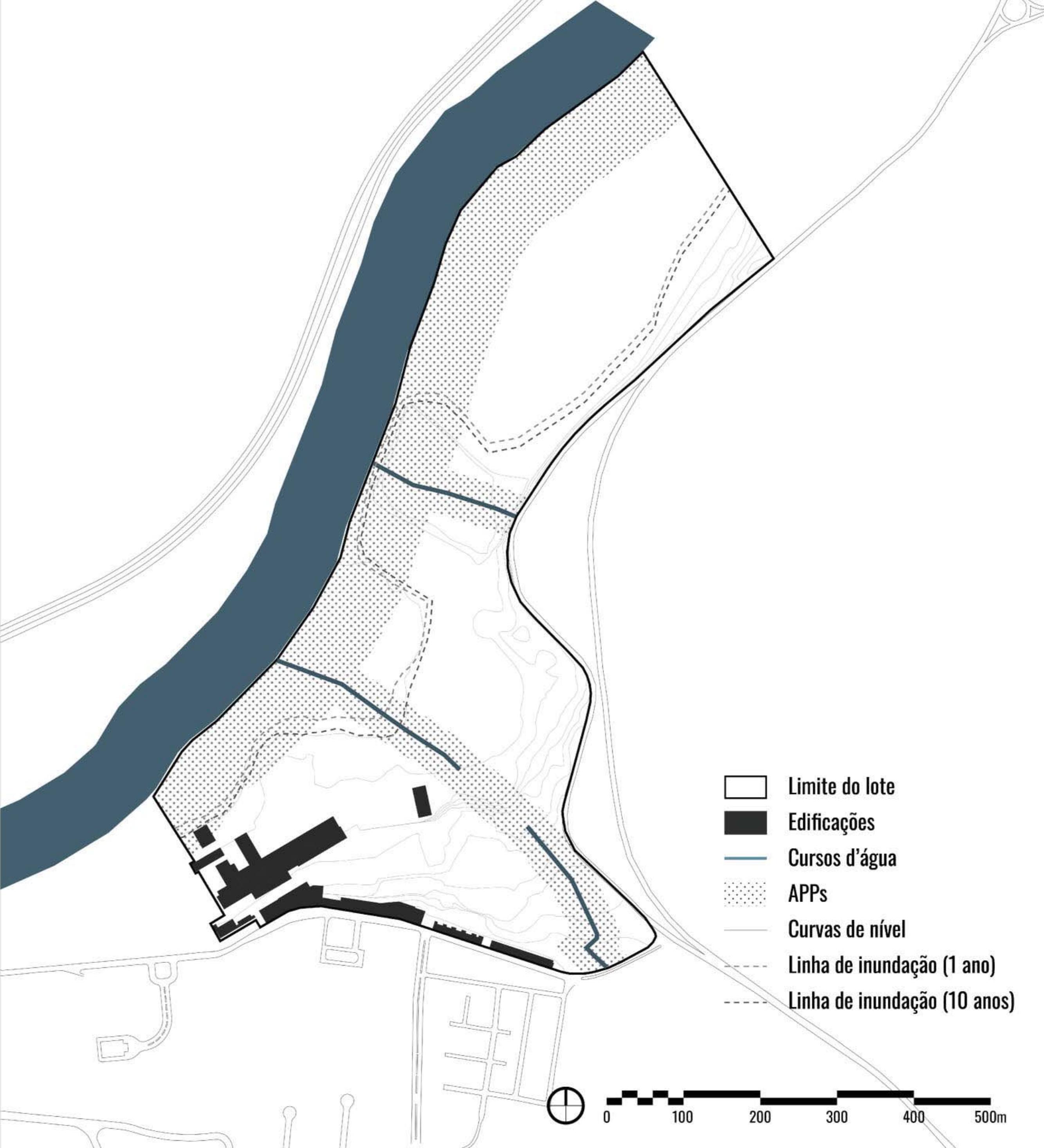
O lote onde encontra-se o antigo engenho é de enormes dimensões, comparáveis até ao tamanho de todo o restante do bairro. Sua área é de cerca de 47 hectares e seu perímetro tem uma extensão de 3.700 metros. Vale comentar também que os edifícios que compõem o conjunto de restaurantes, escritórios e espaços de eventos comentados anteriormente encontram-se no interior deste mesmo lote. No entanto, o trabalho não tem a intenção de intervir sobre eles, mas apenas de levá-los em consideração na proposição do desenho do equipamento.

DIVISAS DO LOTE:



SETORIZAÇÃO DO LOTE

A setorização foi determinada a partir da análise dos componentes naturais que dão forma ao lote, sendo que é possível observar que os córregos que cruzam a área delimitam a formação de três polígonos. Assim, tendo em vista que a proposta de equipamento que se faz não demanda dimensões comparáveis à do lote, optou-se por utilizar somente a área onde se encontra o edifício do antigo engenho, de modo que o restante do lote possa abrigar outras possíveis intervenções que não necessariamente se relacionam diretamente com o equipamento proposto.



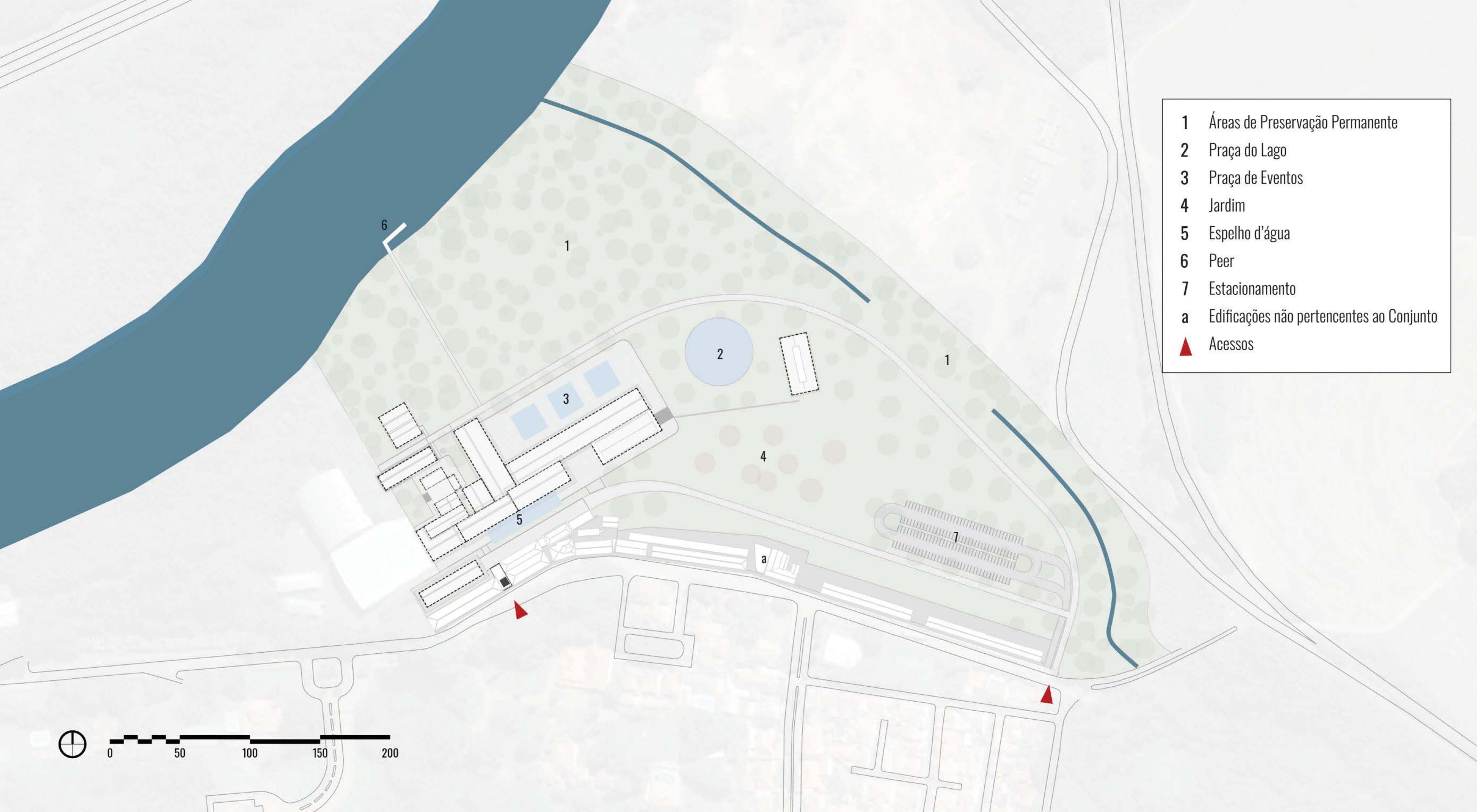
IMPLEMENTAÇÃO

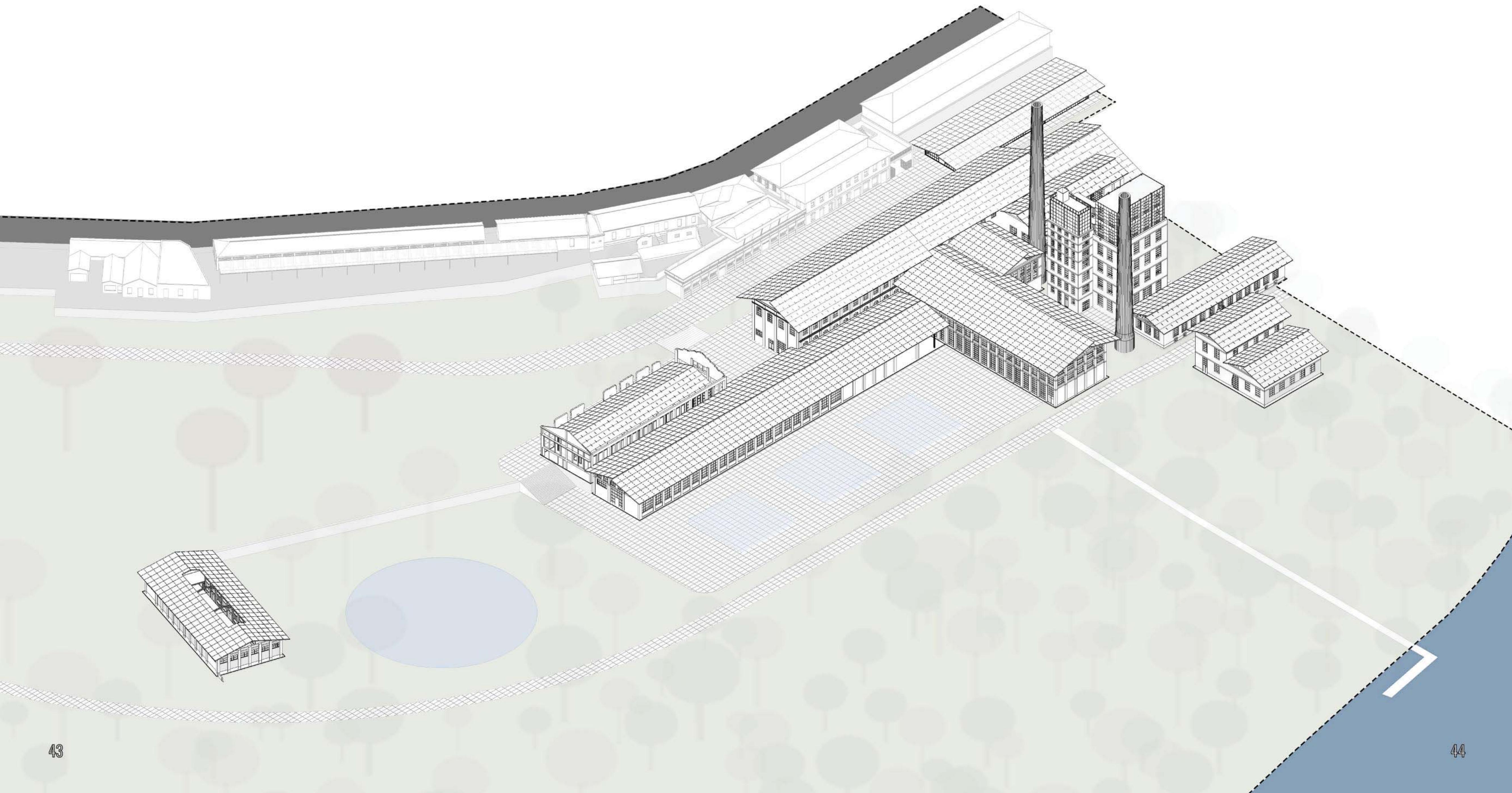
O entorno da edificação consiste nos seguintes espaços:

- **ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE** que consistem em espaços densamente verdejados e com a possibilidade de usufruto por meio de trilhas.
- **PRAÇA DE EVENTOS** que se conforma como grande espaço desimpedido que permite a aglomeração de pessoas mas que em dias comuns traz o contato com a água por meio de rasos espelhos d'água cuja água pode ser drenada.
- **PRAÇA DO LAGO** que consiste num espaço contemplativo que também atua como mediação entre os alojamentos e o restante das edificações
- **JARDIM** com diferentes espécies arbóreas
- **CAMINHOS** que permitem a circulação externa da área tanto de pedestres quanto de veículos autorizados
- **ESPELHO D'ÁGUA** que ocupa o lugar da antiga edificação da clarificação que será demolida
- **PEER** que permite o acesso ao equipamento por via fluvial
- **ESTACIONAMENTO** para 150 veículos



Foto do autor





DIAGRAMAS

Os diagramas a seguir permitem, dentre outras leituras, a percepção de como as diferentes cotas de nível das edificações pré-existentes, bem como seu tamanho e proporção orientam a espacialização do programa. De modo geral, as edificações maiores e menos verticais abrigam o setor expositivo, de modo a permitir que a visita ao espaço se dê de maneira fluida e desimpedida. Já o setor de criação, por englobar usos e apropriações que podem ser ditas mais estáticas, ocupa os edifícios mais verticalizados e de tamanhos mais variados mas menores quando comparados aos destinados ao outro setor. Sendo que o restante do programa ocupa edificações “isoladas” do conjunto principal.

Como se observa, a divisão por entre setores não por acaso coincide também com as diferentes cotas de nível, de modo que a continuidade da explicação do projeto nelas se baseia.

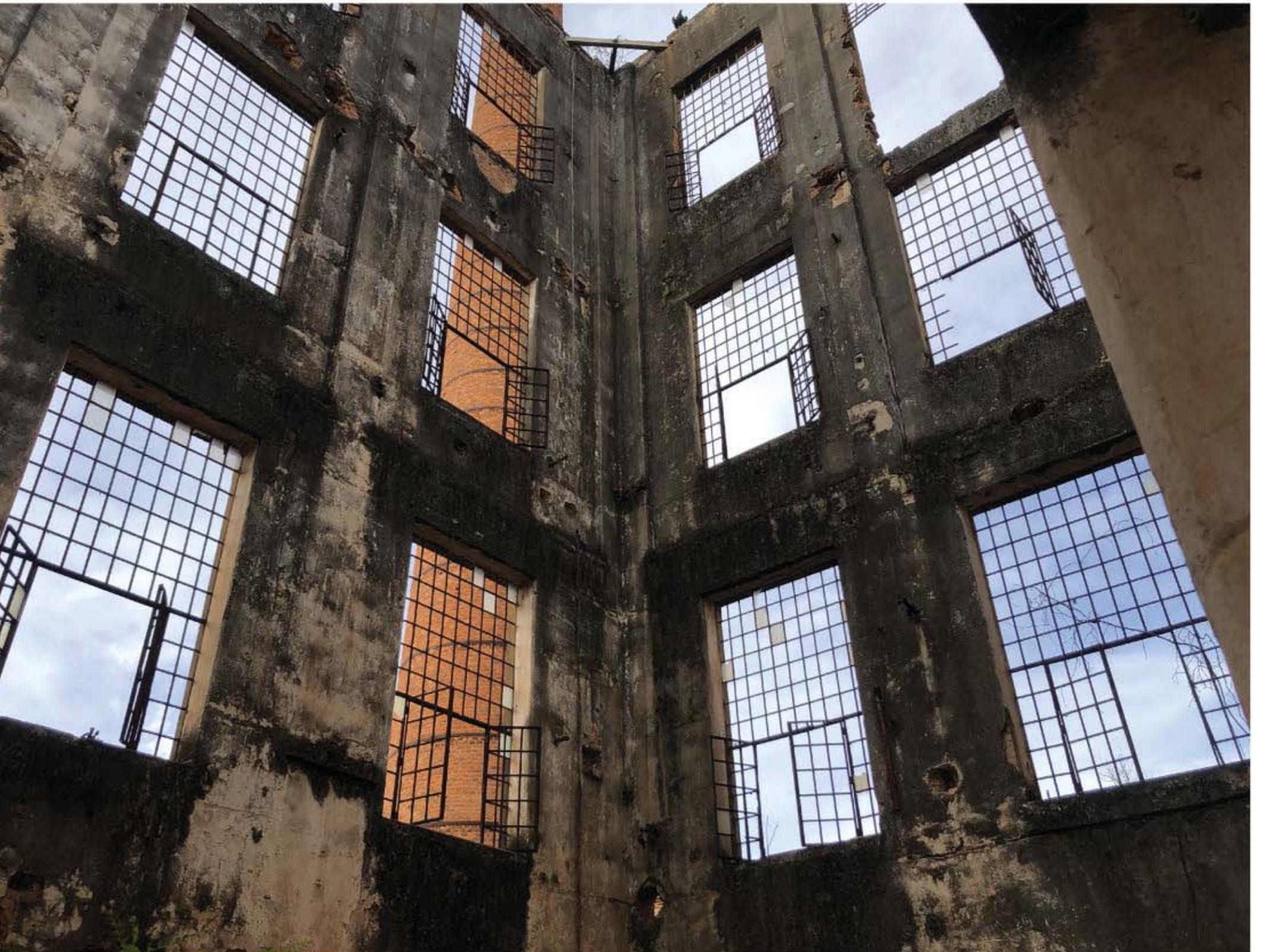
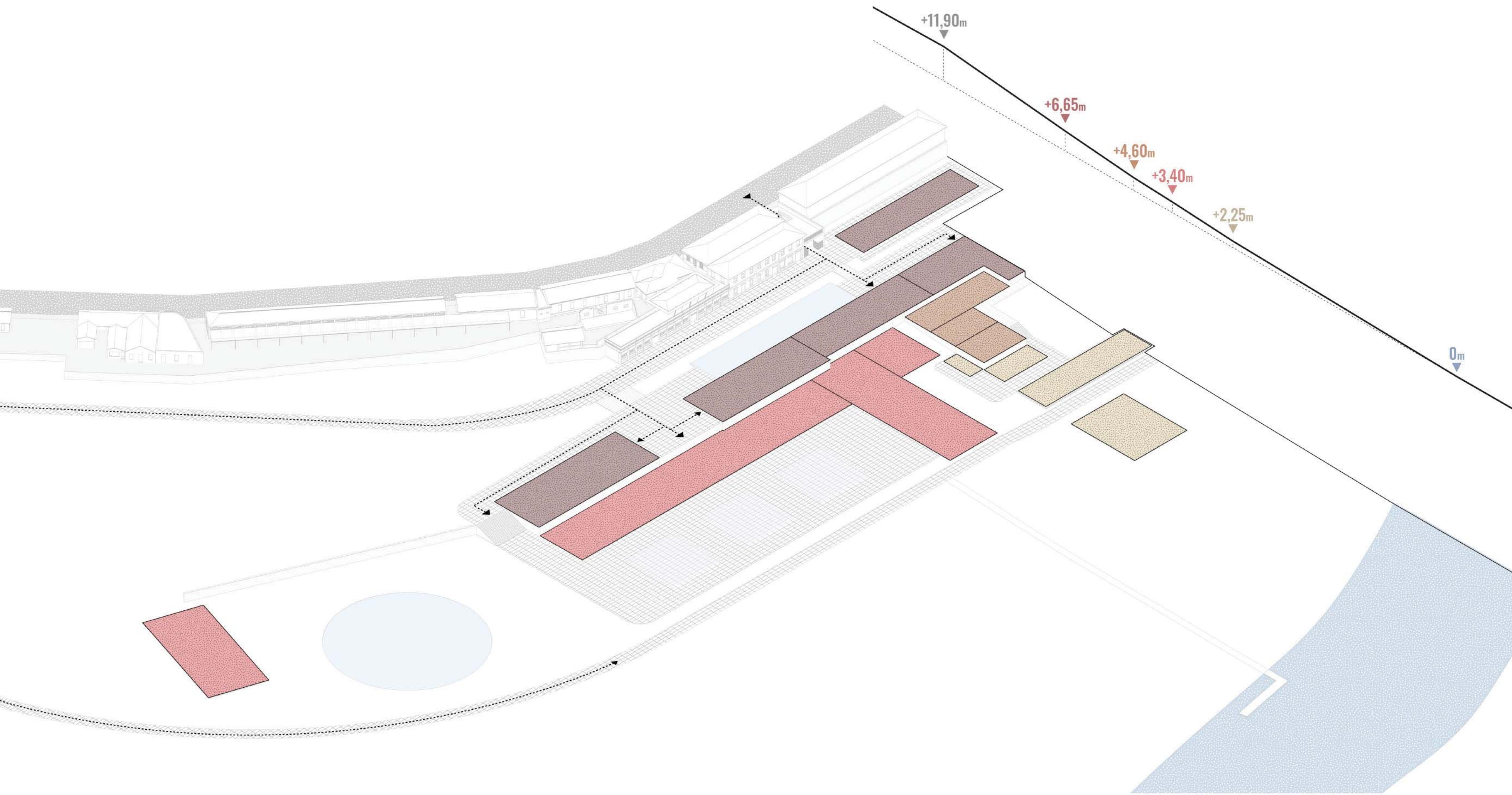
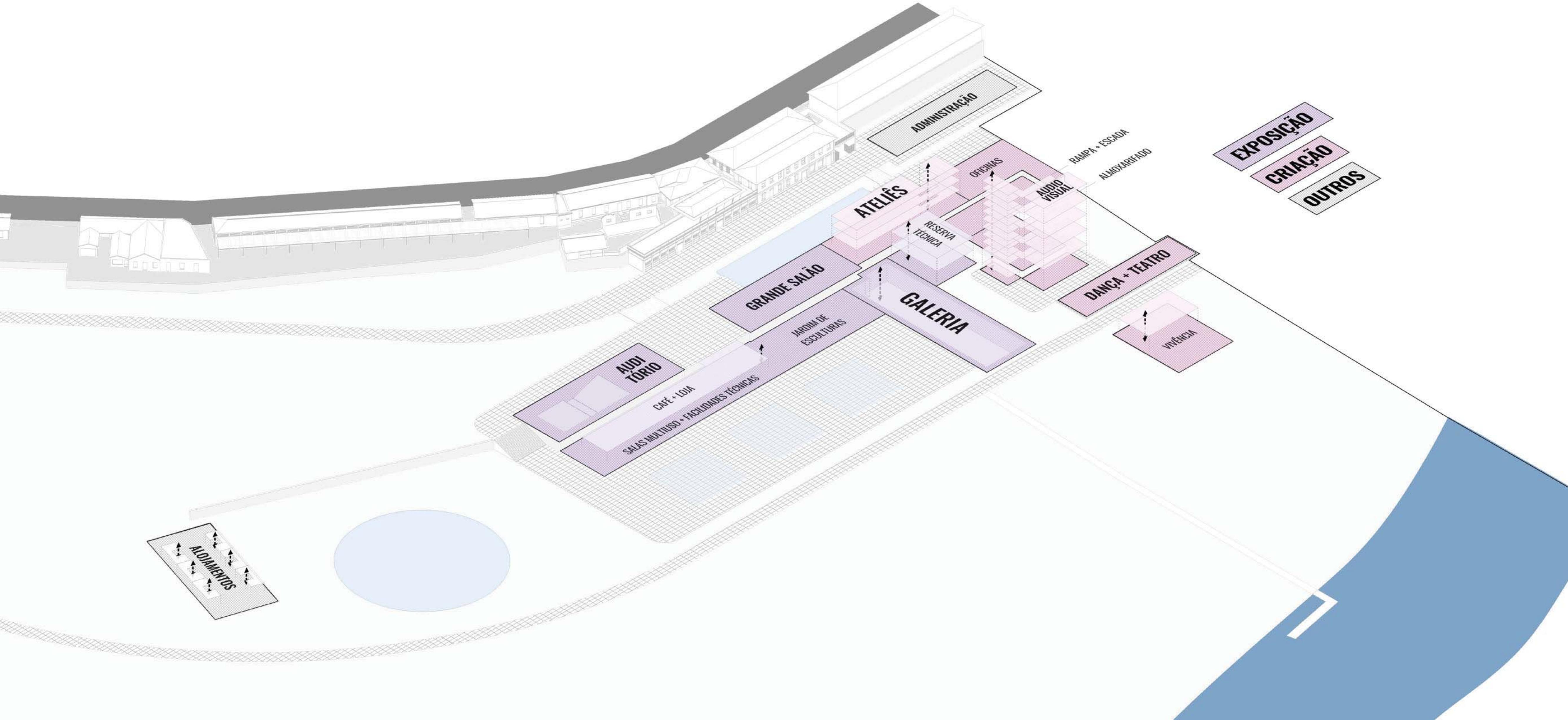


Foto do autor



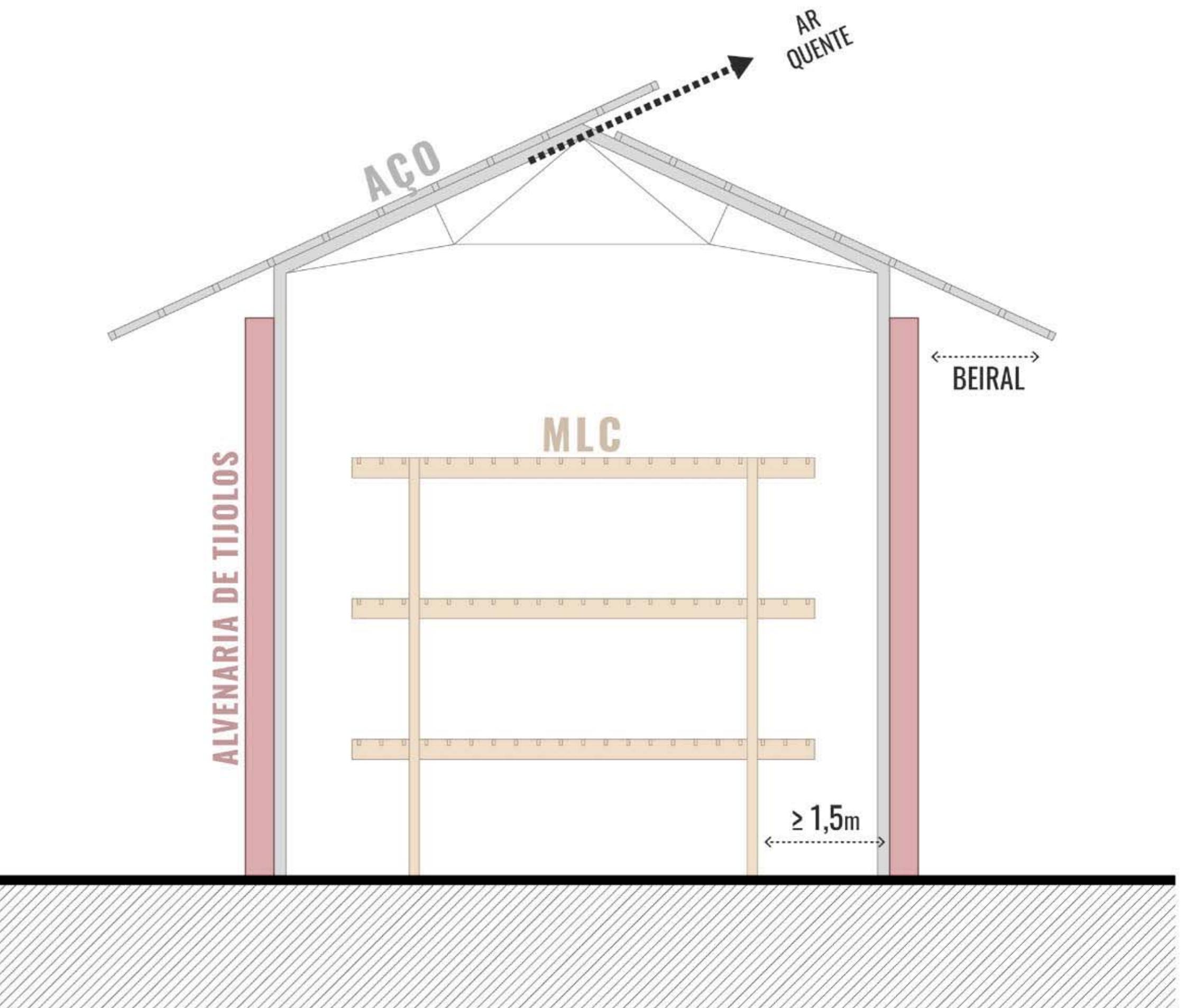


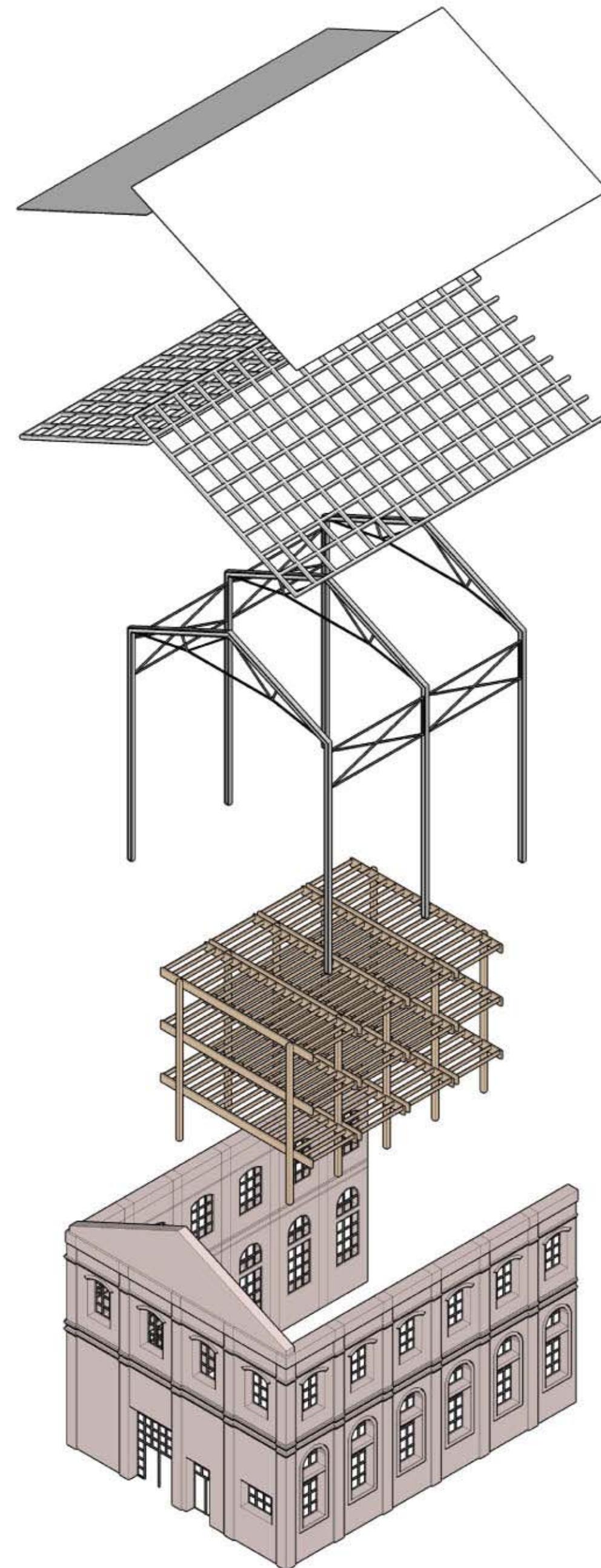
INTERVENÇÃO SOBRE AS EDIFICAÇÕES PRÉ-EXISTENTES

A intervenção baseou-se no parecer técnico da estrutura realizado pela empresa Estrutural. Segundo ele, a edificação é formada por paredes de tijolos cerâmicos apoiadas em sapatas de fundação formadas por pedras e argamassa, ou concreto, que eram geralmente mais largas que as paredes. Em condições normais, as paredes eram capazes de suportar seu peso próprio e pequenas contribuições de carga do interior do edifício, de modo que a estabilidade vertical do edifício era garantida pela amarração entre paredes externas e internas.

No entanto, na condição atual em que faltam algumas das paredes internas, não é possível garantir que as paredes externas remanescentes sejam capazes de suportar cargas adicionais ao seu peso próprio nem a estabilidade do edifício. Para isso, propõe-se a utilização de estruturas internas para absorver a carga vertical do interior do edifício, bem como a criação de estruturas para a amarração dessas paredes. Por último, verificou-se que as coberturas originalmente em madeiras encontram-se em péssimo estado de conservação ou ausentes.

Assim, optou-se pela criação de duas estruturas independentes. A amarração das paredes pré-existentes e o suporte da cobertura será feita em aço por meio de grandes pórticos cuja forma recria as águas do telhado original. Já a estrutura que permitirá o criação de pisos internos será feita em MLC com apoios a pelo menos 1,5 metros de distância das paredes originais para evitar contato com as sapatas da edificação original. Por último, a cobertura será estruturada em grelha de modo que se possa fazer uso de diferentes condições de apoio além de criar beirais de tamanhos variados a fim de preservar as edificações pré-existentes.





COBERTURA em telha metálica e que em determinados trechos pode ser substituída por telhas translúcidas.

ESTRUTURA DA COBERTURA em perfis metálicos dispostos em grelhas independentes de modo a permitir a exaustão do ar quente.

PÓRTICOS em estrutura metálica, contraventados por tirantes metálicos e posicionados de modo a encostar na alvenaria e garantir sua estabilidade.

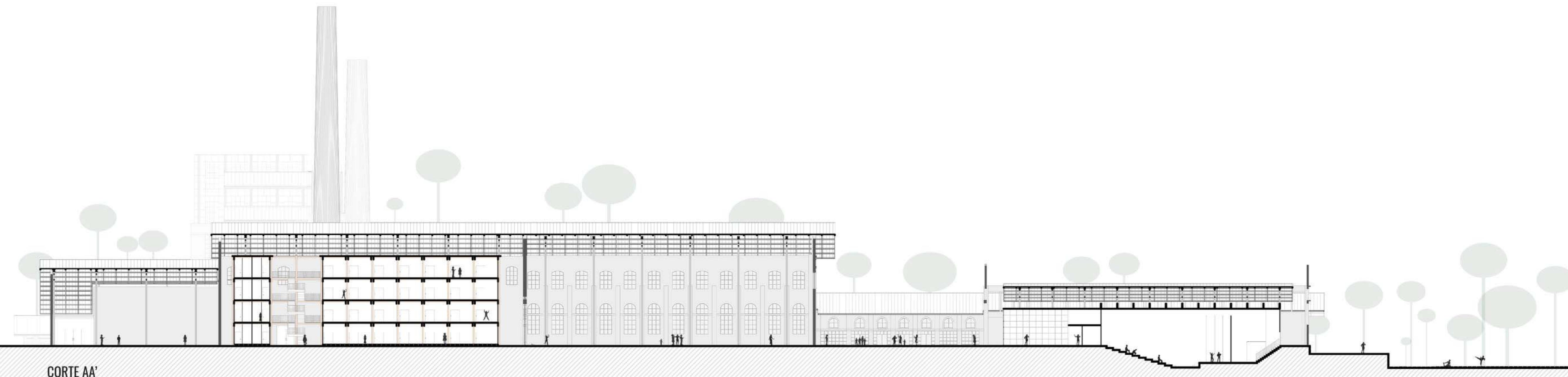
ESTRUTURA INTERNA em MLC com vigas contínuas que permitem balanços laterais.

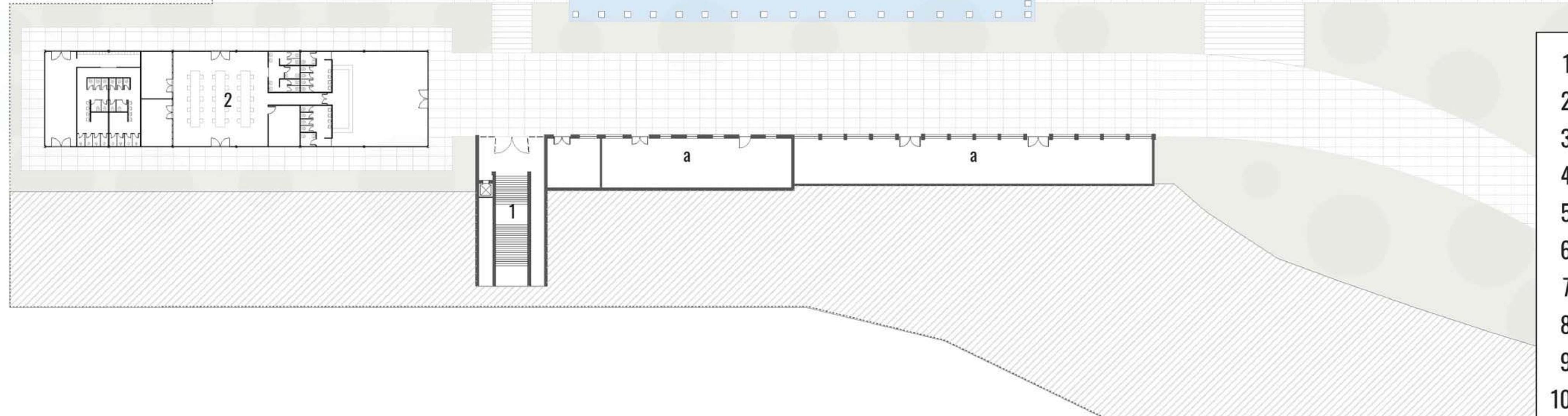
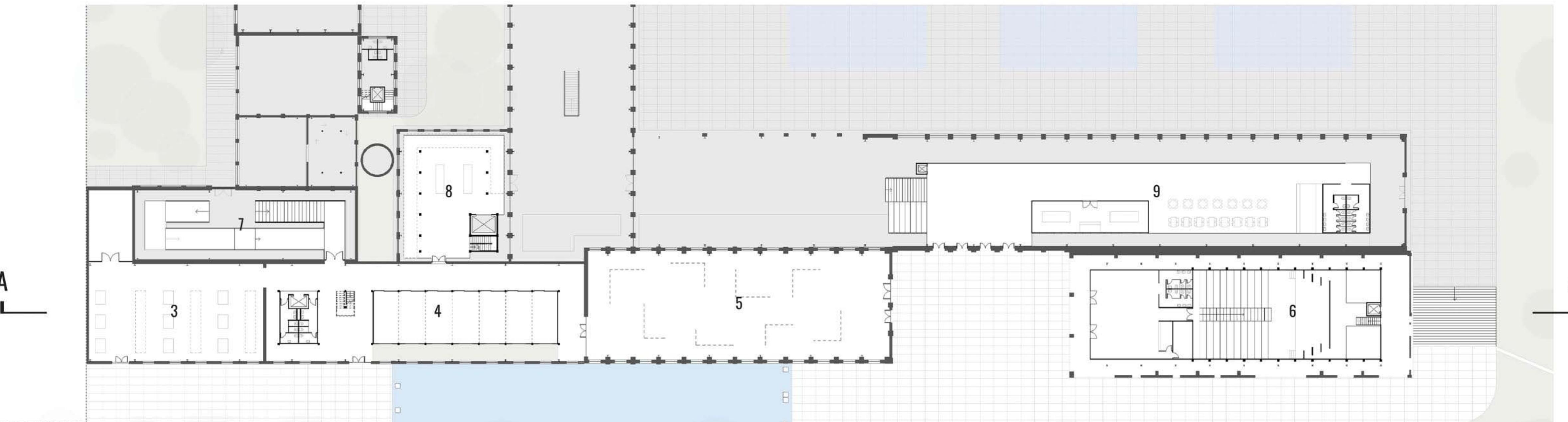
EDIFICAÇÃO ORIGINAL teve o reboco interno retirado e as esquadrias refeitas a fim de permitir o fechamento dos espaços. Eventuais falhas e desgastes nas paredes que comprometiam o fechamento foram preenchidos seguindo a mesma estética e estruturação das esquadrias de modo a não escondê-las.

COTA DE NÍVEL +6,65m

Tal cota, por consistir no nível de acesso à edificação, compartilha usos entre as duas principais categorias do programa. O acesso ao setor expositivo se dá por uma praça que permite a entrada em três diferentes espaços. O primeiro deles, o auditório, com capacidade para 240 pessoas, se conforma a partir de escavações do piso como forma de evitar que se projete superiormente e se destaque esteticamente. O segundo, o grande salão, consiste num grande espaço expositivo desimpedido que pode abrigar diferentes usos. Já o café e a loja ocupam um mezanino criado no interior de uma edificação de cota inferior a fim de aproveitar sua altura e mediar o desnível por meio de uma grande escadaria-arquibancada.

Já o acesso ao setor criativo se da tanto pelo bloco de ateliês, os quais consistem num conjunto verticalizado que será melhor explicado a seguir, pela oficina, permitindo assim maior na carga e descarga de materiais. Na mesma direção do acesso pelos ateliês, encontra-se a passagem para a edificação onde instalou-se um conjunto de rampas e escadas afim de permitir a circulação vertical de forma fluida para o restante do setor de criação.





PLANTA + 6,65



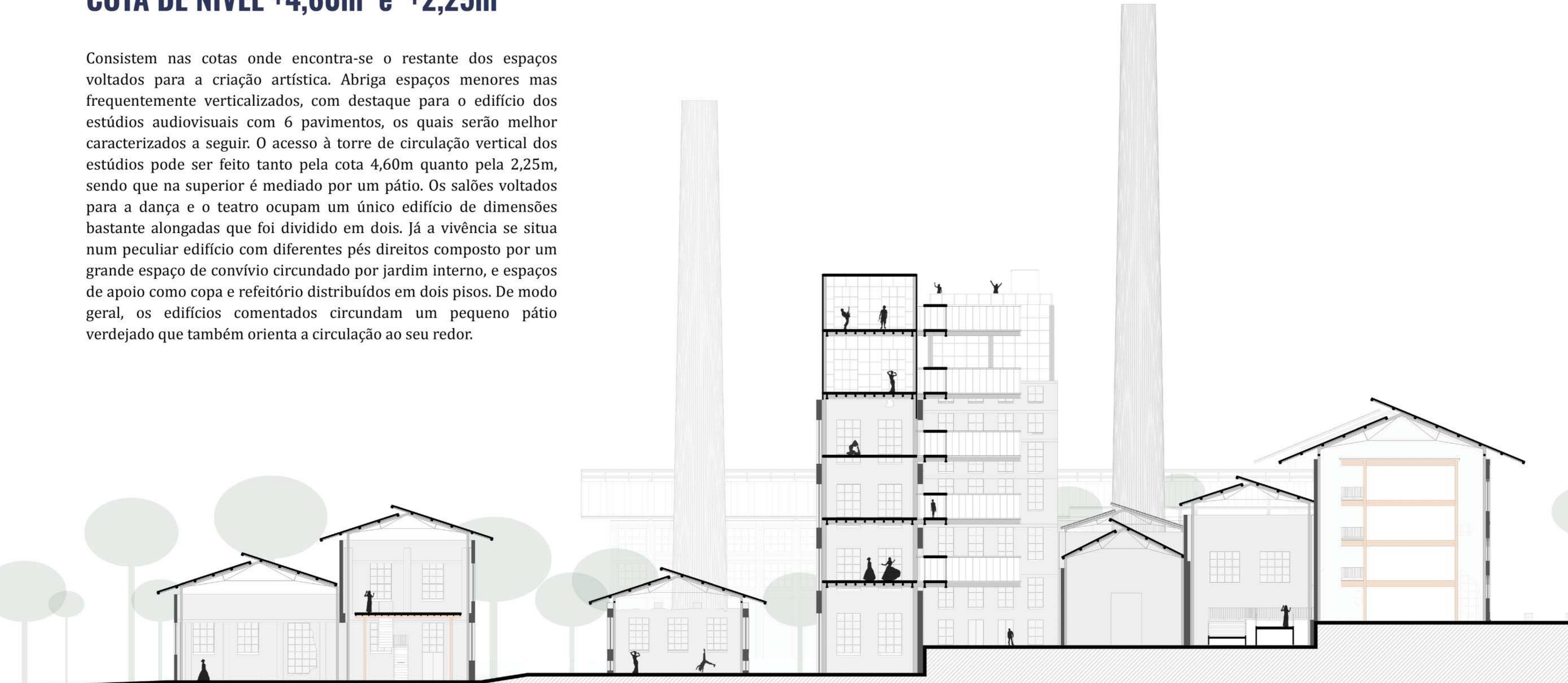
0 10 20 30 40

- 1** Escadaria de acesso
- 2** Administração e Recepção
- 3** Oficina
- 4** Ateliês
- 5** Grande Salão
- 6** Auditório
- 7** Rampa e Escada
- 8** Reserva Técnica
- 9** Loja
- 10** Café
- a** Edificações não pertencentes ao conjunto

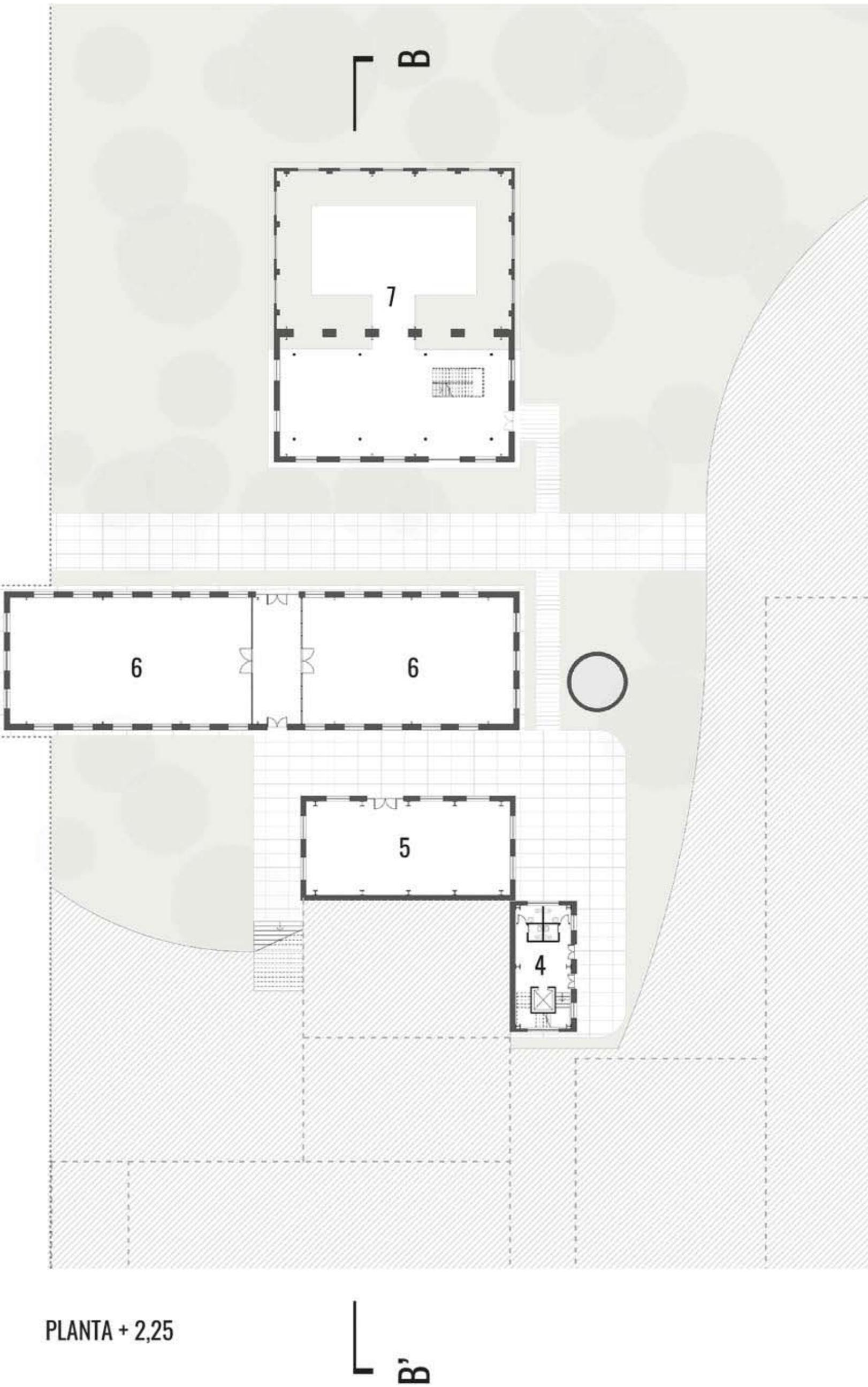
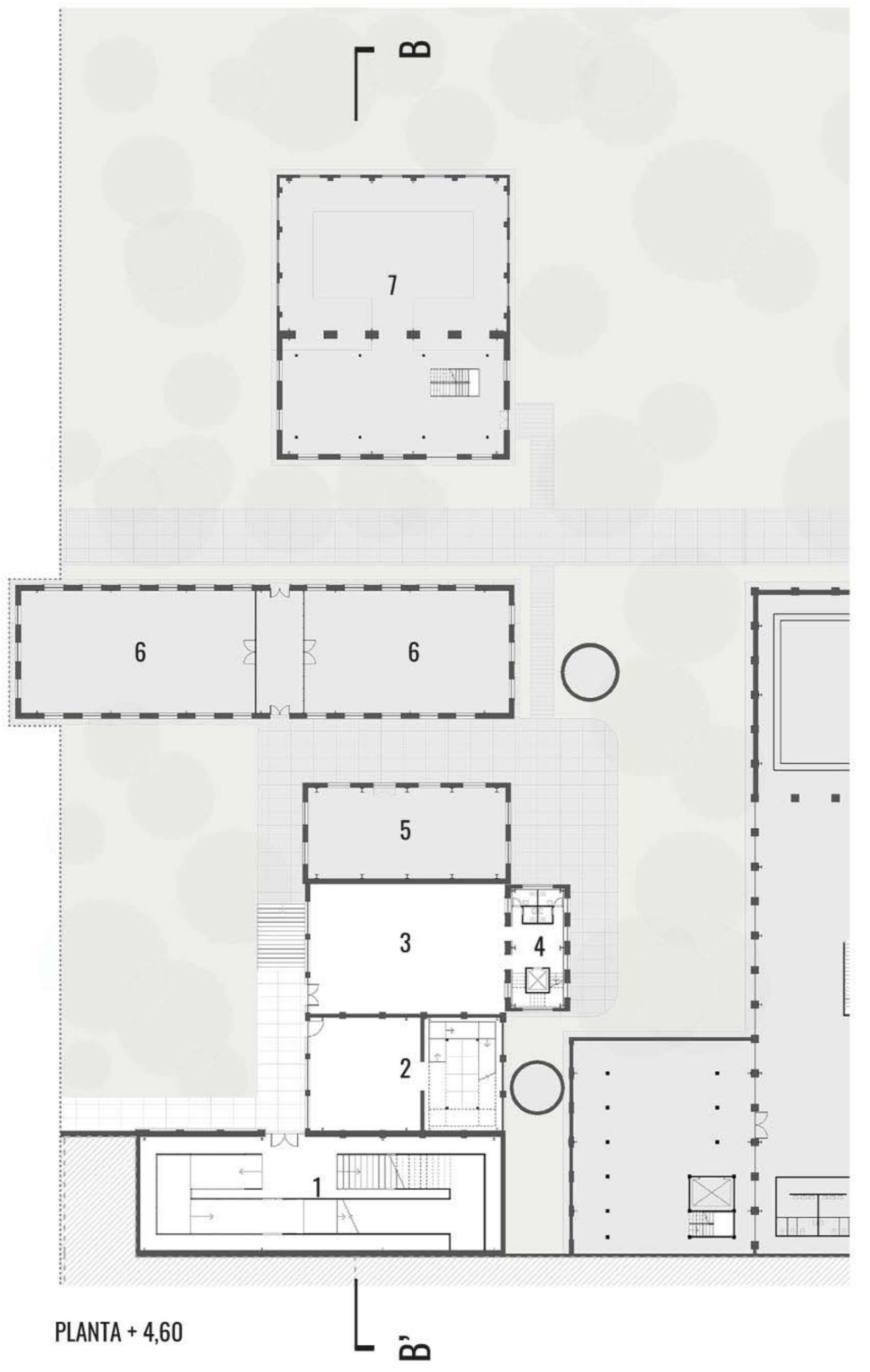


COTA DE NÍVEL +4,60m e +2,25m

Consistem nas cotas onde encontra-se o restante dos espaços voltados para a criação artística. Abriga espaços menores mas frequentemente verticalizados, com destaque para o edifício dos estúdios audiovisuais com 6 pavimentos, os quais serão melhor caracterizados a seguir. O acesso à torre de circulação vertical dos estúdios pode ser feito tanto pela cota 4,60m quanto pela 2,25m, sendo que na superior é mediado por um pátio. Os salões voltados para a dança e o teatro ocupam um único edifício de dimensões bastante alongadas que foi dividido em dois. Já a vivência se situa num peculiar edifício com diferentes pés direitos composto por um grande espaço de convívio circundado por jardim interno, e espaços de apoio como copa e refeitório distribuídos em dois pisos. De modo geral, os edifícios comentados circundam um pequeno pátio verdejado que também orienta a circulação ao seu redor.



CORTE BB'

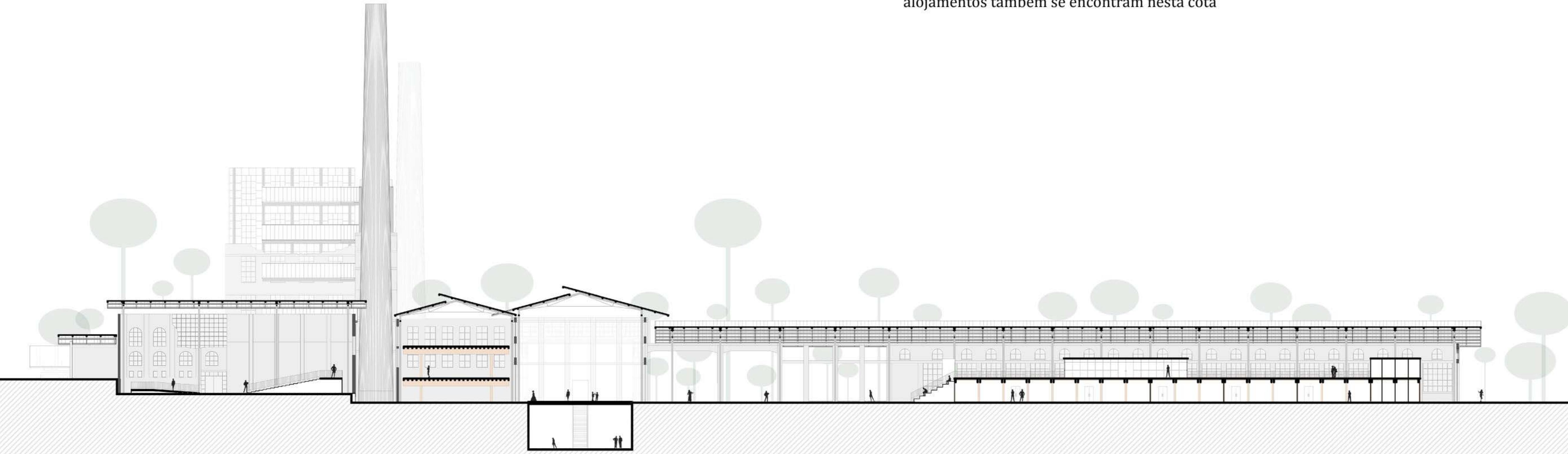


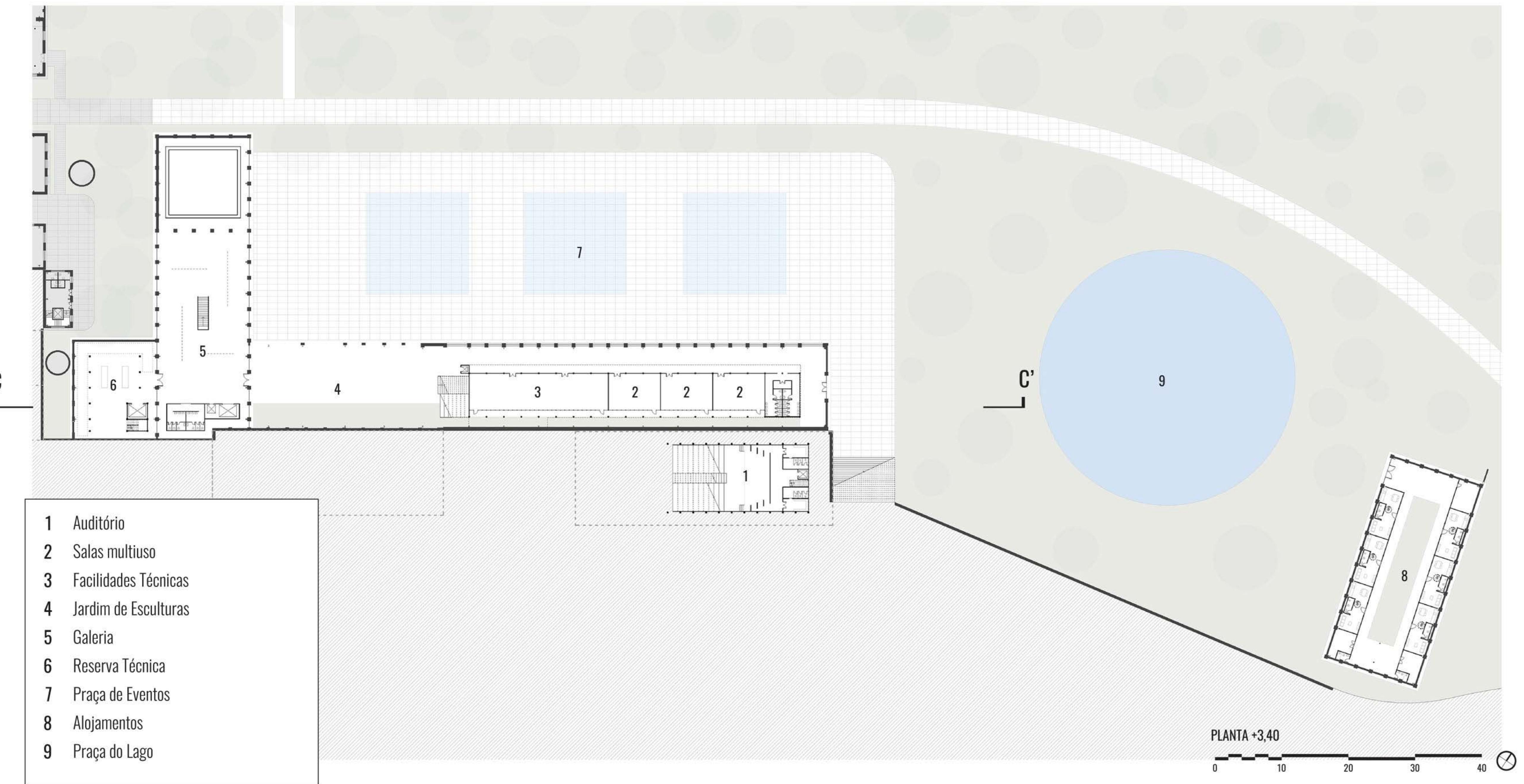
- 1 Rampas e Escada
- 2 Almoxarifado
- 3 Pátio
- 4 Estúdios Audiovisuais (serv. e circ.)
- 5 Estúdios Audiovisuais
- 6 Salas de dança e teatro
- 7 Vivência



COTA DE NÍVEL +3,40m

Nesta cota encontra-se o restante dos espaços expositivos. Abaixo do mezanino situam-se as facilidades técnicas voltadas para o manuseio de obras, bem como três salas que podem abrigar múltiplos usos. Fazendo a mediação entre a escada/arquibancada e a galeria, tem-se um jardim de esculturas que também funciona como acesso à grande praça de eventos e ao restante da área externa. Por último a galeria encontra-se ligada à reserva técnica, sendo que esta última se projeta verticalmente ocupando no total três pavimentos, sendo um deles coincidente com a cota +6,65m. O edifício da galeria e os variados espaços que ela abriga serão melhores explicados a seguir. Por último, vale comentar que os alojamentos também se encontram nesta cota

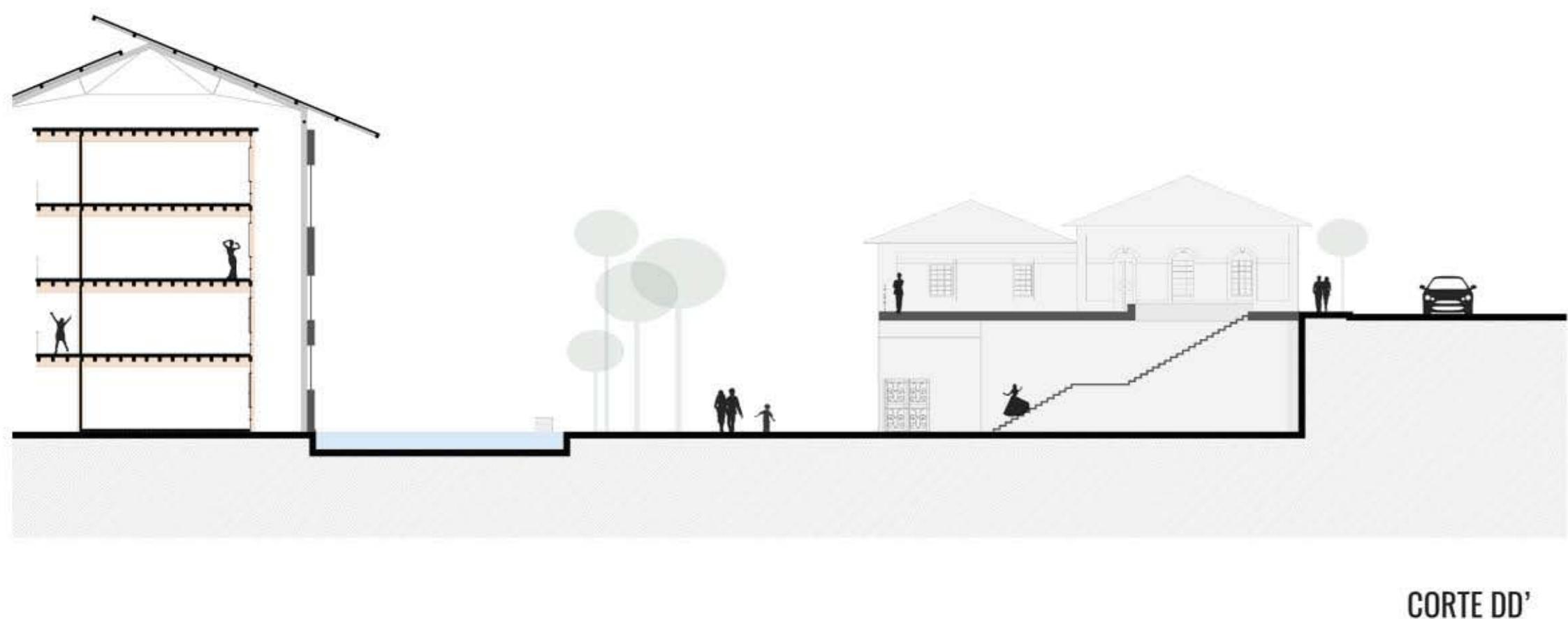




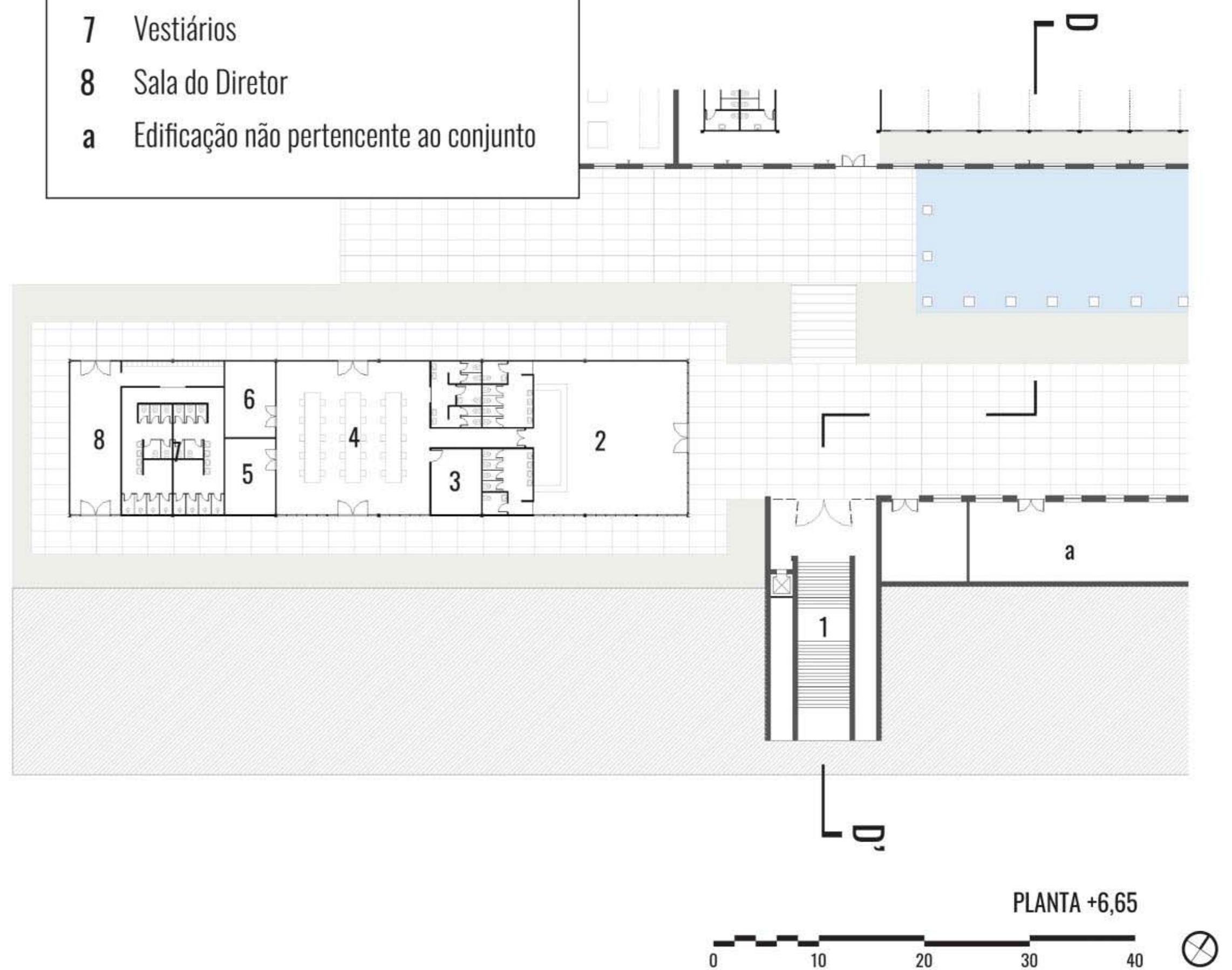


APROXIMAÇÕES: ACESSO PRINCIPAL E ADMINISTRAÇÃO

O acesso principal se dá pela antiga escadaria de acesso ao engenho. Como forma de atender às normas de acessibilidade, foi inserido um elevador e um dos vazios desta escadaria. Logo à esquerda de quem desce por ela, encontra-se a recepção, dentro do bloco administrativo. O acesso ao equipamento se dá então por uma rua interna que também media a relação com o pavimento inferior de edificações que não pertencem ao conjunto.

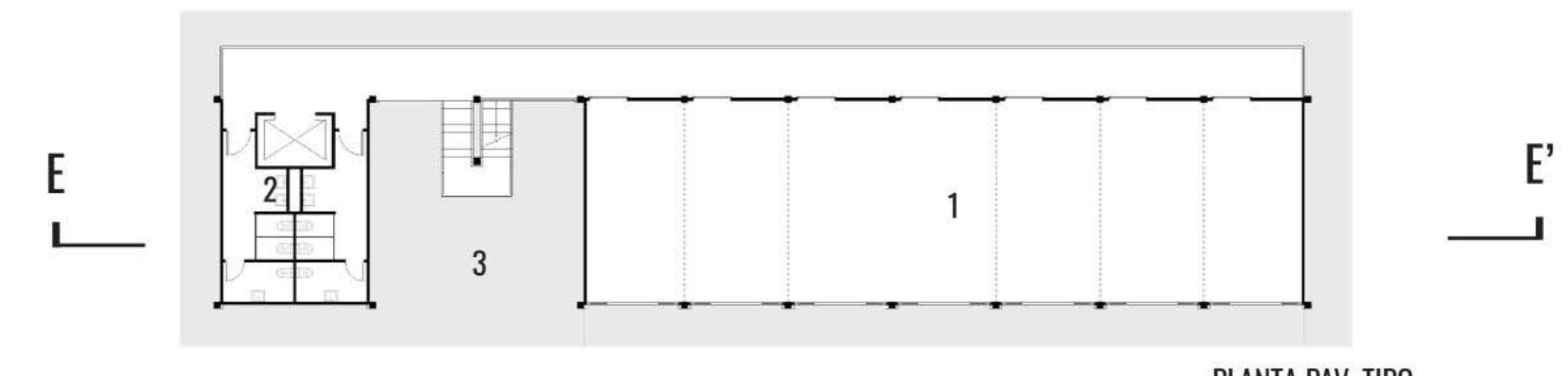
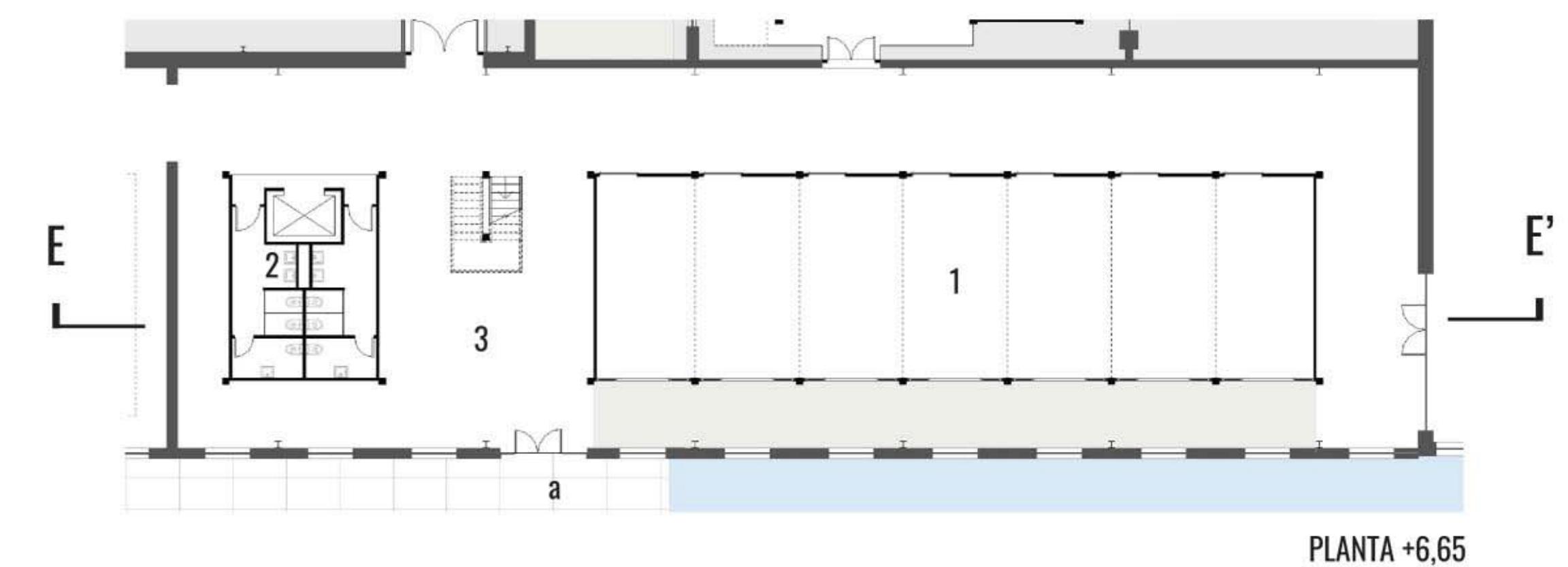
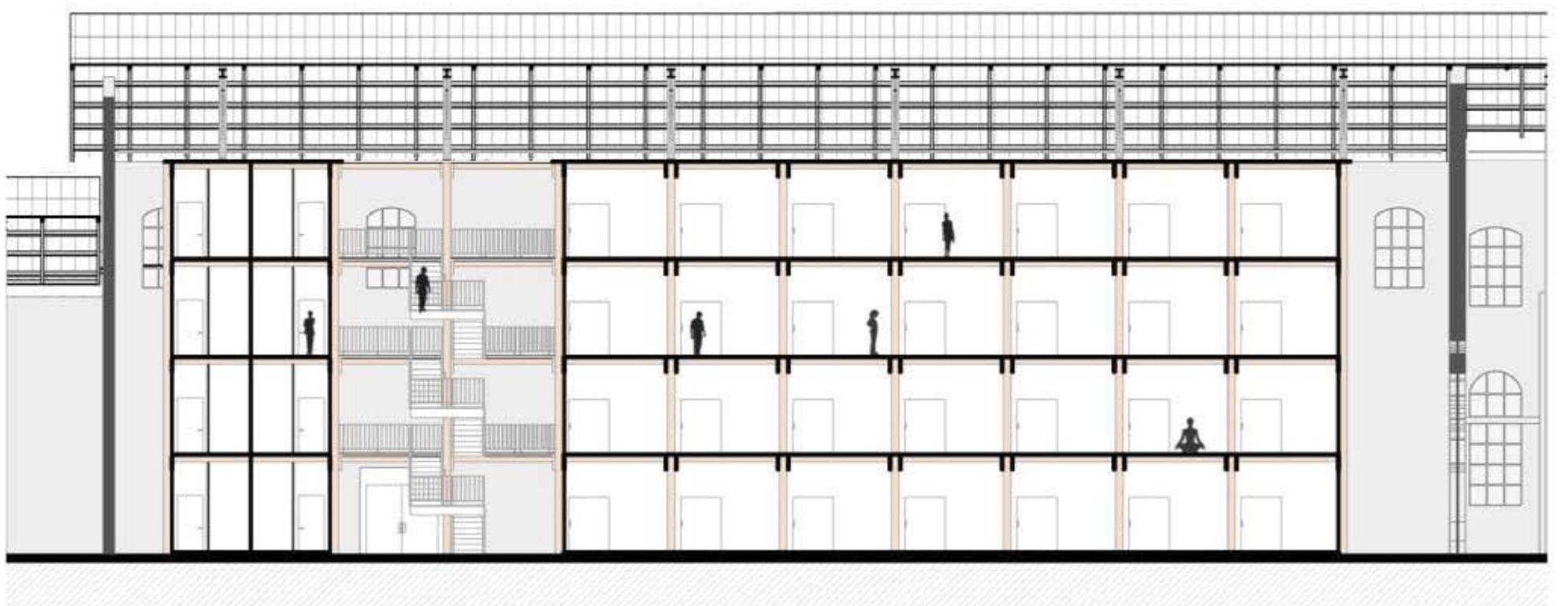


- 1 Escadaria de Acesso
- 2 Recepção
- 3 Depósito
- 4 Funcionários
- 5 Sala de Reuniões
- 6 Sala do Diretor
- 7 Vestiários
- 8 Sala do Diretor
- a Edificação não pertencente ao conjunto



APROXIMAÇÕES: ATELIÊS

Consiste numa grande estrutura em lâmina feita em MLC que totaliza 4 quatro pavimentos de mesma planta. Tal estrutura é composta por dois blocos separados de modo a criar entre eles um espaço vazio onde encontra-se também a escada. Com isso, evita-se que a entrada para o setor de criação se dê de forma comprimida, valorizando a monumentalidade do conjunto. Quanto aos dois blocos, enquanto um abriga banheiros e elevador, o outro se baseia numa grande planta livre que pode ser subdividida de modo a gerar ateliês de distintos tamanhos. Por último, vale comentar que a modulação dos pilares segue a modulação da estrutura pré-existente a fim de permitir que as janelas coincidam.

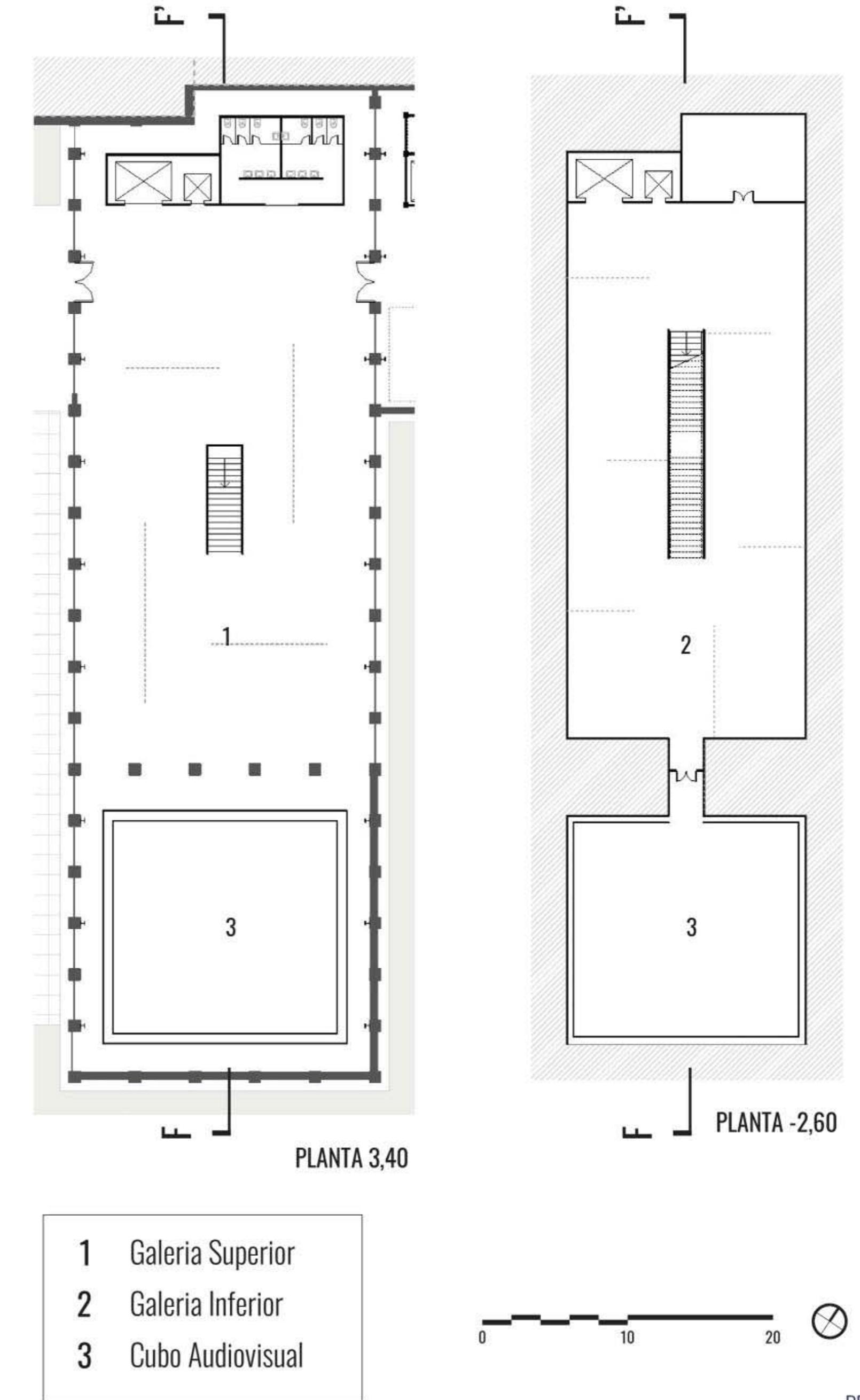
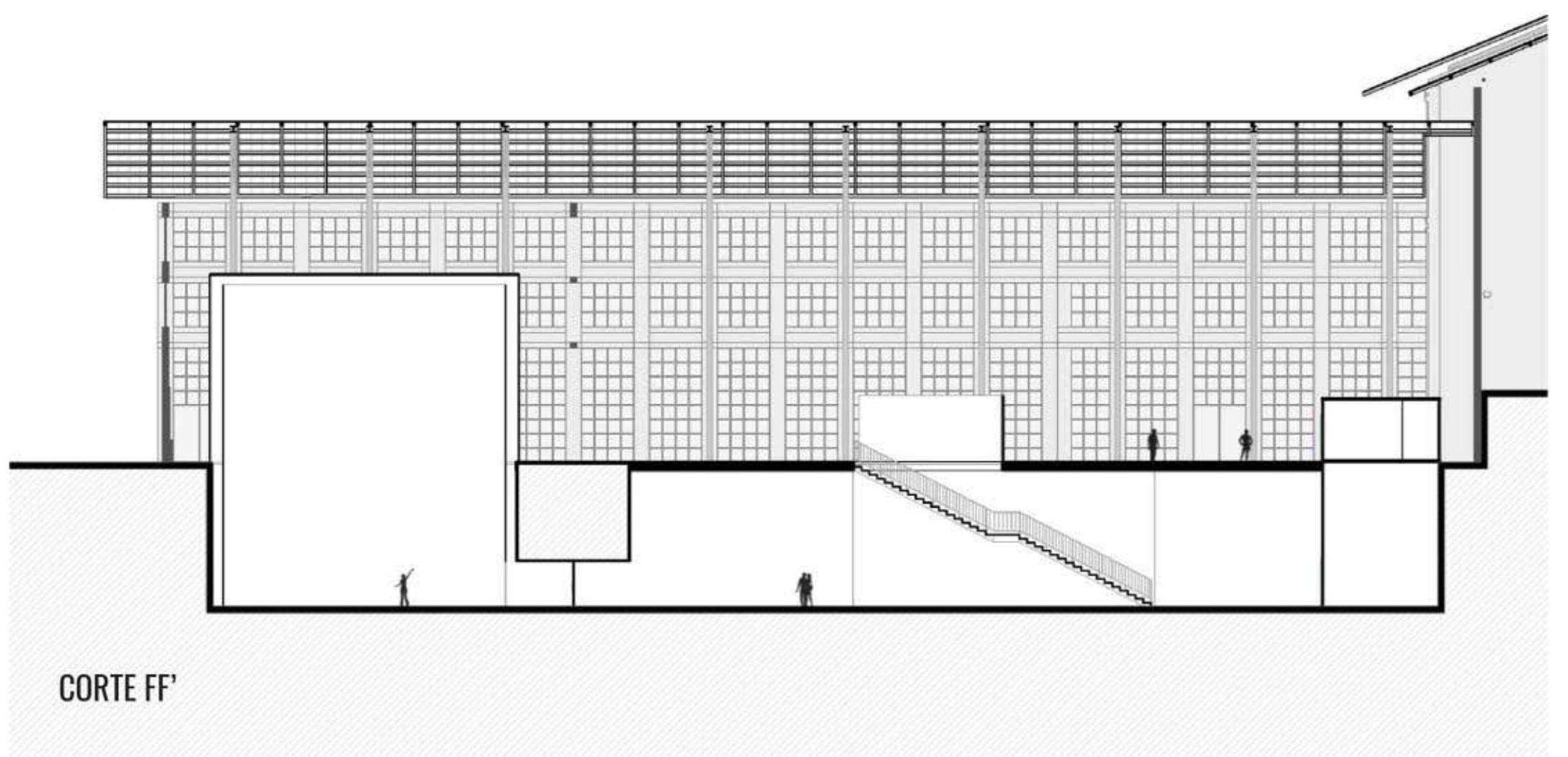


- 1 Ateliês
- 2 Banheiros e Elevador
- 3 Vazio
- a Acesso principal ao setor de criação



APROXIMAÇÕES: GALERIA

Pensando na multiplicidade de formas de intervenção artística, criou-se um ambiente expositivo dividido em três espaços. O primeiro consiste numa grande galeria de amplo pé direito e inundada por iluminação natural, cuja estética abraça o desenho original da edificação. O segundo espaço surge a partir de uma escavação do subsolo de modo a criar um ambiente mais neutro onde se pode ter maior controle da iluminação. Por último, cria-se um grande cubo que se acessa do subsolo com telas de led que o envolvem a fim de permitir experiências associadas a formas de arte mais tecnológicas. Este cubo também invade a galeria térrea, sendo envolvido por paredes de vidro fosco de modo a permitir que a luz gerada em seu interior chegue de forma difusa e suavizada. A circulação vertical é feita, além dos elevadores, por uma grande escadaria no centro de ambas as galerias orientando assim sua circulação.



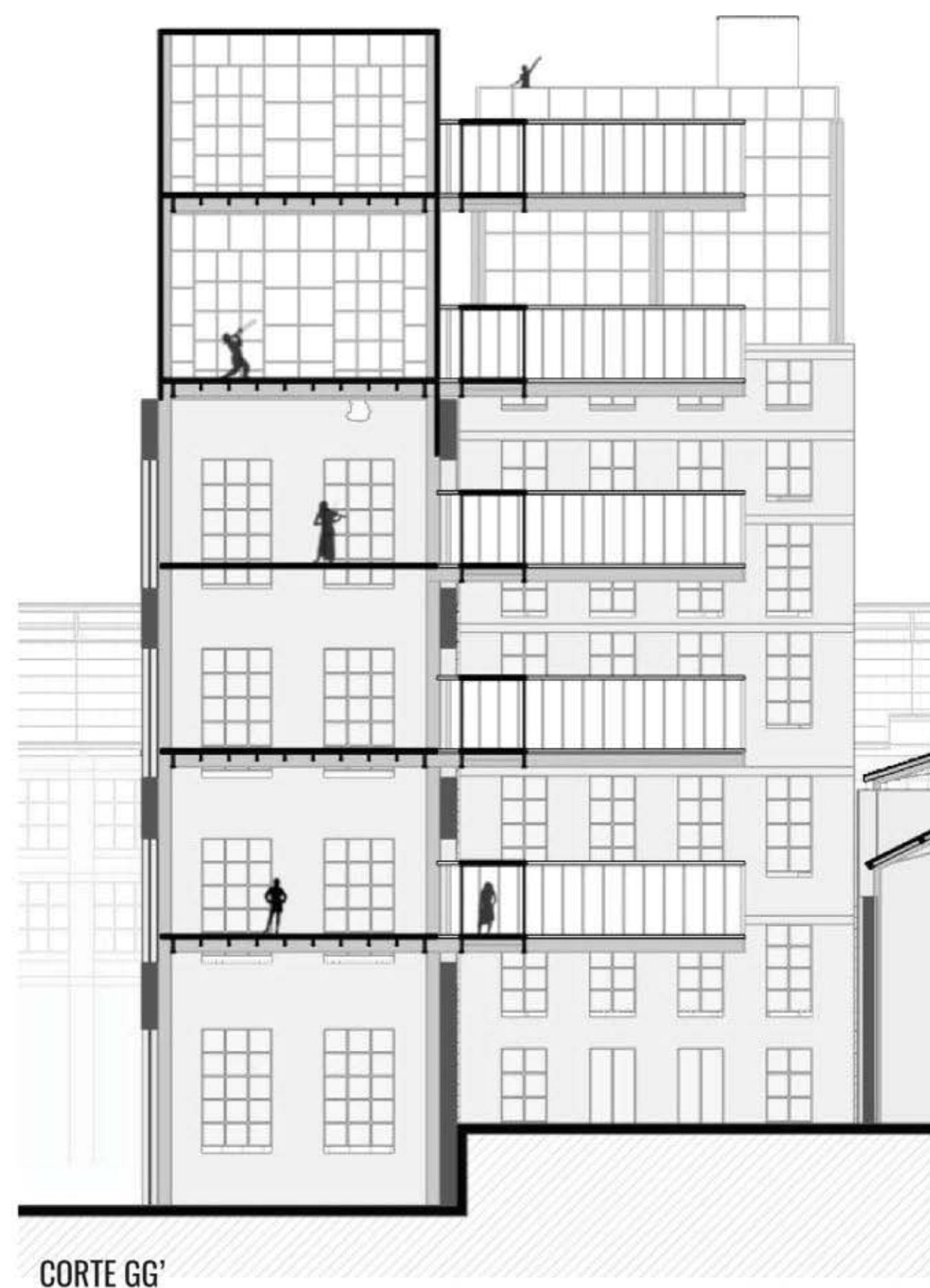


APROXIMAÇÕES: ESTÚDIOS AUDIOVISUAIS

Assim como observou-se nos ateliês, os blocos de serviço e das salas são separados. No entanto, nesse caso, ocupam dois edifícios verticais distintos que passam a ser ligados por meio de passarelas. Originalmente, o maior dos edifícios, no qual encontram-se os estúdios, possuia quatro andares. No entanto, aproveitando a já inserção de estruturas internas, aumentou-se o número de pavimentos para seis, criando assim novos pavimentos cuja estética respeita o desenho da edificação original. Tais estúdios possuem grandes dimensões, no entanto imagina-se a possibilidade de subdividi-los a depender do uso que receberão. Por este motivo a passarela alcança três das quatro possíveis entradas da edificação.



A estrutura é feita inteiramente em aço, sendo que neste caso os pavimentos se apoiam na própria estrutura de amarração das paredes. E, apesar de não respeitar o distanciamento de 1,5 metros das paredes do engenho, o próprio parecer estrutural afirma referindo-se justamente a esses edifícios que com o devido cálculo seria possível realizar uma intervenção deste tipo. Por último, vale comentar que a passarela se apoia em balanço na estrutura metálica que cresce por dentro de ambos os blocos.





REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos Poemas em Prosa**. São Paulo: L&Pm, 2018.

Breve Histórico de Piracicaba. IPPLAP. Disponível em: <<https://ipplap.com.br/site/acidade/breve-historico-de-piracicaba/>>.

CRARY, JONATHAN. **Tecniques of the Observer**: On vision and modernity in the nineteenth Century. London: MIT Press, 1992..

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

História de Piracicaba. Tabelão de Protesto de Letras e Títulos da Comarca de Piracicaba - SP. Disponível em: <<https://www.protestopiracicaba.com.br/Pagina/Exibir/7c33f403-22a9-429e-8663-ab7ecf31068e>>.

NERY, Juliana Cardoso; BAETA, Rodrigo Espinha. **Entre o restauro e a recriação**. Salvador: Edufba: Ppg-Au Ufba, 2022.

NETTO, Cecilio Elias. **Monte Alegre: glória, queda e renascimento**. Piracicaba, 2015

Piracicaba em Traços e Cores. IPPLAP. Disponível em: <<http://ipplap.com.br/site/wp-content/uploads/2012/08/piracicabamtracosecores.pdf>>

Piracicaba, O Rio e a Cidade. IPPLAP.

Ilustrações:

BEER, Robert. **The Encyclopedia of Tibetan Symbols**. Boston: Sambhala, 1999.

